

# THEORIAS DA ARTE<sup>1</sup>

---

## III

O que principalmente nos guia hoje a penna é apreciar o valor de uma accusação com que tanto se pretende deprimir o novo dogma litterario e apoucar-lhe a crescente e inevitavel influencia sobre a moderna intellectualidade, accusação ainda ha pouco reforçada pelo depoimento, n'este longo pleito do realismo na arte, de um escriptor illustre, o snr. visconde de Benalcanfôr, a quem cedemos a palavra:

« Parece-me que n'este labor subordinar a observação a formulas preconcebidas, a processos estereotypados, além de impossivel, é suffocar em germen facultades e aptidões, que fructificariam bem mais abundante e utilmente, se as emancipassem do jugo dos processos, e as pozessem ao ar livre, em plena atmospherá, fóra das estufas da imitação ».

Mas não são outros os intuitos do realismo na sua verdadeira comprehensão; justamente a sua aspiração suprema é desaffrontar o campo da arte de convenções rotineiras e estafadas, que já não logram despertar a emoção; é consolidar a liberdade do pensamento litterario, emancipado do jugo da imitação e da copia servil, das formulas preconcebidas, dos processos estereotypados, desvendando um horisonte após outro horisonte no espaço livre, dentro do am-

---

<sup>1</sup> Vid. n.º 8, pag. 371 a 378.

bito da natureza conhecida, onde podem desferir o vôo das largas inspirações todos os talentos, na diversidade das suas tendencias e aptidões.

A formula realista tem apenas por confins a immensa periphèria do quadro da natureza e da vida real: a unica restricção é orientar os seus ideaes para o escopo do verdadeiro e do cognoscivel. Esse outro ideal, aspiração morbida e vaporosa, que foge da vida para se internar nos aureos nimbos do mysterio e da phantasia, é que o realismo quer expungido da arte.

O novo ideal finda no ponto da intersecção onde começa o incognoscivel, e, sé ultrapassa este limite, não vai estonteado em impulsos de vadiagem devaneadora, mas norteado pelas conquistas da sciencia, que pelos methodos exactos alarga a área do cognoscivel.

Sustentar que a formula realista acanha a imaginação e a liberdade do pensamento, que é a alma das letras, a inspiradora da poesia e da eloquencia, equivale a afirmar, que o espirito não pôde alar-se livremente no ambito que tem por unico limite a periphèria incommensuravel da natureza.

Fórmula preconcebida, increpam uns; uniformidade monotona, resultante de uma observação exclusiva, limitada a determinados aspectos da realidade, arguem outros. Mas onde está essa uniformidade e essa monotonia na variada galeria dos modernos escriptores realistas, destacando-se todos n'uma multiplicidade de aspectos diversos?

Em que se confundem Flaubert, Zola, Daudet, Ivan Tourguénef, os Goncourt, os Texier le Senne, a não ser no accordo de todos em respeitarem a verdade natural? Emancipados do jugo de quaesquer convenções, movem-se livremente no vasto quadro da vida, que é o campo da arte, e, subordinados ás tendencias e aptidões individuaes e características, encontram-se sómente na uniformidade de um unico ponto de vista, que consiste em serem verdadeiros.

Certamente os escriptores realistas têm a preocupação de um processo preconcebido, se por tal entendermos a conformidade com a verdade e com a logica. Mas, guiados pelo mesmo fio conductor, que de perspectivas tão diversas e accidentadas, como a propria natureza em que se inspiram! Que multiplicidade de caracteres, de figuras vivas, surprehendidas em flagrante realidade no conflicto das suas paixões, agitando-se no franco exercicio de todos os seus movimentos naturaes, irrompendo da complexa natureza humana, com todas as alternativas e desigualdades de caracter e temperamento!

Sem antitheses monstruosas, sem estas amalgamas disparata-

das, indignas da arte, que transfundem no mesmo character sentimentos contradictorios e inconciliaveis, sem a rhetorica que se substitue á naturalidade do dialogo e ao descriptivo pittoresco, mas verdadeiro, contrastam esses personagens com os typos da convenção, de uma regularidade facticia e banal, quando não degeneram no monstro, automaticos como titeres que ostentam em rotulos sobre as frentes a virtude, o vicio, o grande sentimento que vão representar.

O realismo nunca pôde ser um processo acanhado que encurta os vôos da inspiração; a formula é tão ampla como a propria natureza que se move, e em coarctar as fugas sonhadoras para as nebulosidades da phantasia e da ficção não se amesquinha, mas aperfeiçoa-se. Caprichos e phantasias na arte só aquellas que esta fada prestigiosa, chamada natureza, suggere á imaginação.

Apresentar as situações sem explicar os motivos, esboçar os characteres sem estudar as condições do meio e os antecedentes, caminhar através da acção ao acaso, caprichosamente, ao sabor da phantasia, ir direito ao desenlace sem preocupações pela logica e pela verosimilhança, pôde ser uma tarefa facil, agradável, e accessivel a intellectos rudimentares, mas não é a arte verdadeira.

Mas — estamos prevenido a objecção — já não é de hoje que a arte visa á observação da verdade natural, á pintura da humanidade, ao estudo e interpretação do modelo humano, e á reprovação de tudo o que é ficticio e convencional. O que hoje é objectivo das mais fervidas aspirações do realismo vem desde longe apregoadado pela critica, representada pelos seus mais conspicuos luminares. M<sup>me</sup> de Staël escreveu que a litteratura é a expressão da sociedade, e já La Bruyère se anticipára ao mesmo pensamento, rebuçado n'uma espirituosa ironia, quando disse — *Je rends à mon siècle ce qu'il m'a prêté.*

Esta phrase delicadamente maliciosa poderia bem inscrever-se como lemma na bandeira do naturalismo.

Na crise aguda de sentimentalismo romantico, personificado em Arlincourt, a perversão do gosto chegou a ponto de parecer detestavel a naturalidade e a verdade.

Se na obra d'arte não havia artificio bastante, e um bom sapatelo de bons sentimentos convencionaes, exaltados até ao quinto céu da affectação, dizia-se com desdem que o livro não tinha ideal.

Succedia como em Roma, quando o tom declamatorio e a convenção invadiam a arte, corrompendo a espontaneidade da inspiração e a naturalidade da emoção. Então, diz Taine no seu *Essai sur l'Art Live*, a naturalidade e a verdade, por incompreensíveis, tornaram-se monstruosas.

Concedemos que o realismo nada innovou pretendendo inspi-

rar-se na realidade e no estudo do documento humano; mas desde que se creou uma formula litteraria revolucionaria, e á sombra do novo labaro se violaram anarchicamente as leis da boa esthetica, é justo e é necessario que se lhe opponha outra formula e se hasteie no campo litterario uma nova bandeira que restabeleça a verdadeira doutrina, ao mesmo tempo que symbolise uma certa transformação que sempre se vai operando no gosto e no criterio artistico, mesmo dentro dos preceitos eternos que regem as superiores manifestações do bello. A innovação reside n'esta ultima caracteristica do realismo.

Já tocámos este ponto no prologo ao *Senhor Deputado* e cabe aqui repetir o que então dissemos.

« Mas o romantismo tambem quer que a arte se inspire na natureza e na realidade; o *documento humano* não é innovação da moderna escola. Desde os quadros realistas da Odysséa até Claudio Frolo, calcinado no fogo da sua paixão insaciada, a arte não tem querido outra cousa que não seja o que ha duzentos annos queria Boileau :

Que la nature donc soit votre étude unique.

O que não obstou a pôr-se em briga com a falsidade d'est'outro verso :

D'un pinceau délicat l'artifice agreable  
Du plus affreux objet fait un objet aimable.

Sem negarmos ao romantismo as suas boas intenções, duvidaremos simplesmente da efficacia dos seus processos em guiar a arte na vereda luminosa da verdade natural ».

Por isso mesmo que a arte, descendo ao campo da applicação, só não se indisciplina e aberra das verdadeiras theorias, quando se manifesta excepcionalmente nas concepções dos talentos privilegiados, é que se impõe a necessidade de uma formula, que, condensando as leis estheticas n'uma synthese lucida e exacta, se alevante em fanal que illumine as veredas escabrosas da arte, e formule um methodo e uma disciplina mental que ponha um dique a largos desvios dos fins superiores da arte.

Prevost com *Manon Lescaut*, Lesage com *Gil Blas*, Prosper Merimée com a *Chronique de Charles IX*, o *Tamango*, o *Vase étrusque*, com os diamantes, em summa, das suas melhores obras, Swift com as *Viagens de Gulliver*, Poë com o *Robinson*, Richardson com *Clarisse*, Cervantes com o *D. Quixote*, e todos os grandes escriptores, que legaram monumentos perduraveis, porque, antes de haver realistas, souberam ser profundamente humanos e verdadeiros,

mostrando d'este modo que a boa esthetica nunca pôde andar arredada da natureza e da verdade, são a prova mais eloquente da inadiavel necessidade de reduzir esse principio, que rege superiormente as obras d'arte, a uma formula que discipline methodicamente as imaginações, apoiando-se por um lado na renovação do gosto litterario, e por outro na evolução philosophica e scientifica.

Collocados n'este ponto de vista, a questão reduz-se a saber se a nova formula attinge o *desideratum* almejado; e se o problema se resolve ou não, resalvadas indeclinaveis restricções, já o vai proclamando o tribunal incorruptivel da consciencia universal, esclarecida pela critica, em quanto a posteridade não sentença em ultima instancia. Entretanto o magno pleito ahi se vai dirimindo, e os documentos que se vão juntando ao processo, os trabalhos dos mais eminentes escriptores realistas, chamados a depôr, vão attestando eloquentemente para onde pende o triumpho.

«A pintura dos caracteres profundamente humanos — continúa o snr. visconde de Benalcanfôr — com a verdade rude das suas paixões boas e dos seus affectos depravados, confessemol-o, data de épocas anteriores a Balzac, a Flaubert e a Zola. E nos entrecchos e nos poemas dos grandes mestres, vasados nos moldes idealistas, abundam individualidades copiadas do *ni* da natureza humana.

Essas creações são o resultado profundo do estudo de accumulados documentos humanos.

Podem coloril-os diversamente os accidentes de lugar e de tempo, sem nunca lhes alterar os materiaes genuinamente humanos de que são fabricados.

Em Othello e Hamlet, em Falstaff e Sancho Pansa, para não citar outros personagens, que fundo immenso de verdade? Que de *documentos humanos* (para usar de uma linguagem de Zola) foram compulsados por Shakespeare e Cervantes para n'aquelles cerebros privilegiados se individualisarem, accentuadas, vivazes, palpitantes, essas figuras, essas personificações inimitaveis que vivem através dos seculos uma vida immortal!

Fallando de Henrique Monnier, o auctor das scenas populares, escrevia Edmundo About as seguintes linhas, que valem uma boa duzia de vezes a nossa prosa:

Henrique Monnier, homem de espirito e dotado de uma certa finura de observação, apanhou o que pôde á realidade, sem, todavia, escrever no seu chapéo o nome de realista. Representou porteiros, como Racine e Shakespeare representaram homens. Seus heroes têm o costume, os gestos e a linguagem de sua profissão. Se passardes á superficie, ficareis satisfeitos com a obra; assim acontece á turba popular. Abstei-vos de revolver mais fundo; seria trabalho perdido. Não acharieis esta eterna e immutavel natureza hu-

mana que os grandes artistas sabem reproduzir « em tudo, mesmo sob o involtorio dos porteiros; este realista sem pretensões deitou-se afoutamente á cata da natureza; agarrou-a por uma banda, como o rapaz, que corre atraz do lagarto e que o apanha pela cauda. Que pensaríeis, porém, do gaiato presumçoso que, tendo-lhe ficado nas mãos a cauda do lagarto, se pozesse a gritar por toda a parte, floreando o seu trophéo: « Eis aqui o lagarto real e verdadeiro! Ninguem o havia descoberto antes de mim. Os que vos mostraram lagartos inteiros com cabeça, corpo e tudo, abusaram da vossa boa fé; no lagarto só ha real este pedaço da cauda ».

Certamente não é obra de uma formula e de um certo methodo a immortalidade de Shakespeare, de Cervantes e a de todos os vultos que se alteiam por sobre as gerações extinctas, como marcos milliarios que vão assignalando a marcha evolucionaria e progressiva da humanidade. Estas individualidades excépcionaes, que a largos espaços apparecem como expressão luminosa e surpreendente do espirito de uma época, synthetizando o desenvolvimento da humanidade, ou antecipando intuitivamente a sua evolução, não podem ser invocadas como exemplo para se aquilatar o merito ou o demerito de uma fórmula litteraria.

É privilegio do genio o adaptar-se a qualquer formula, ou antes o sobrancear-se a qualquer formula pela força da propria originalidade, emancipando-se da rotina, desviando-se das veredas comuns em toda a liberdade da propria inspiração. E debalde esta originalidade arrojada, esta liberdade irreverente que rompe com os preceitos consagrados accumula sobre a cabeça do tragico inglez uma tempestade de coleras olympicas; os negrumes dissipam-se para só rutilarem vividos e gloriosos nos horisontes da posteridade os clarões da immortalidade. Debalde Voltaire da mais alta culminação a que ascendeu a gloria litteraria do seculo XVIII vibra contra o gigante da tragedia moderna todos os raios da sua indignação, sem embargo de ter sido o primeiro a assignalar aos contemporaneos as peregrinas bellezas do rude e original talento shakspereano. N'estes assomos colericos em que fazem explosão os epithetos mais crús, e depois no libello energico e brilhante solemnemente apresentado á Academia franceza contra o *barbaro histrião*, contra o *saltimbanco que se contorce* em esgares e sahidas mais ou menos felizes, Voltaire incende-se em fervido zelo pelas glorias da tragedia franceza, e implicitamente acode em defeza dos proprios louros, colhidos á sombra da tradição nacional.

Esta elegancia correcta de fórmula, que Racine legou ao seculo XVIII, não condizia certamente com os arrojos por vezes extravagantes do *barbaro histrião*, que teve comtudo lampejos de ge-

nio, como raro sulcam o céu da arte. A estatura colossal do tragico inglez não a pôde apoucar Voltaire com toda a influencia avassalladora do seu renome nem perante os seus contemporaneos, nem perante a posteridade.

Esta liberdade de espirito em que se fecundou a inspiração shakespeareana tambem a queremos na hodierna evolução artistica, temperada por aquella bem entendida disciplina mental, que tem por pontos cardeaes a observação exacta da vida e as luzes da sciencia positiva.

Agora que a arte se transforma, acompanhando o movimento scientifico e a evolução social, já não pôde dessedentar-se nas fontes onde o tragico inglez foi haurir as suas inspirações, e, quando é na sociedade que nos cerca, na vida actual, que ella ha de renovar-se e rejuvenescer, Shakespeare seria hoje realista e porventura o homem de genio que transformaria radicalmente o theatro moderno, como Balzac revolucionou o romance, sem embargo da opinião de M. Brunetière que na *Revista dos Dous Mundos* rebaixou á craveira dos escriptores secundarios o author do *Père Goriot* e de *Eugénie Grandet*.

O argumento, pois, do genio com as suas obras immortaes, invocado contra a desnecessidade da renovação litteraria, é contra-productente, por isso mesmo que no exemplo de todos os espiritos superiores em se emanciparem pela propria originalidade da rotina e da convenção está implicitamente em parte a justificação da formula realista.

O realismo estaria de facto irremissivelmente condemnado, se impozesse uma observação incompleta e inexacta. Nada mais difficil do que o estudo e a interpretação da natureza; e a observação, principal utensilio do artista moderno, não pôde ser pedra de toque infallivel para se aquilatar uma experimentação sobre a realidade. O mesmo phenomeno pôde ser diversamente comprehendido e apreciado por observadores differentes, segundo as suas faculdades e aptidões, e a observação segundo o methodo naturalista, embora mais exacta e segura, não pôde escapar absolutamente á tyrannia da sua insufficiencia originaria.

A excellencia do methodo não pôde ter o condão de igualar todas as aptidões, e a uniformidade não pôde existir, desde que as faculdades variam. As sociedades renovam-se em successivas transformações; a natureza, com ser uma cousa velha, offerece constantemente ao observador aspectos novos, e, se elle tiver olhos para vêr, a uniformidade desaparece para dar livre accesso á variedade, que não é exclusivo apanagio do romance phantasiista. A differença é que a variedade do romantismo é o kaleidoscopo dos contos de fadas, a lanterna magica da intriga complicada, das aventu-

ras excepcionaes, em que se falseiam ou exageram os personagens, as situações e a acção dramatica; em quanto que a outra variedade revela-se nos quadros da vida real, na psychologia dos caracteres, no movimento logico e natural dos sentimentos e das paixões.

O caso do rapaz presumpçoso que anda á cata do lagarto e floreira triumphante a cauda que lhe ficou nas mãos, como a unica cousa que ha de real n'este reptil, pôde ser um epigramma, um dito humoristico, mas nunca um argumento.

Não é culpado o realismo, se um escriptor que apanhou a natureza só por um lado entra de vociferar que pela sua comica illusão lhe decretem as honras do triumpho. Ao energumeno que se destampar em tal vozearia, seja realista, romantico, ou classico, não lhe deem o Pantheon, mas camisa de forças. Não se impute á insufficiencia e aos defeitos do methodo o que só resulta da incompetencia em o manejar.

Mas justamente a formula realista encerra em si todos os elementos proprios para se chegar a um resultado seguro de observações completas e exactas quanto possivel. O realismo, sendo para a arte o que o positivismo foi para a metaphysica, partindo tambem da analyse para a synthese, da indução para as proposições generalisadoras, adstringindo-se ao estudo do real e cognoscivel, apoiando-se n'um criterio scientifico, conduz-nos a um rigor positivo na comprehensão da sociedade e da vida, e incute á arte uma orientação sensata.

Mas objectar-se-ha que este rigor de analyse, este revolver inexoravel do escapello desfecha nas cruas asperezas da realidade, nas hypertrophias do sentimento, nas grandes descoordenações dos nervos, nas morbidez e nos clamores cruciantes da carne, em tudo, finalmente, que não é proprio da poesia.

Sem investigar agora quaes sejam os limites da poesia, não hesitaremos comtudo em affirmar, que nos moldes do romance se ajusta perfeitamente o que por ventura não quadra á poesia pura.

O romance moderno, o romance critico e experimental, sem deixar de ser uma obra d'arte, distancia-se muito de uma concepção exclusivamente poetica.

Cante e sonhe embora o poeta, sobranceie-se a todas as po-dridões, libre-se a grandes alturas nas azas do seu estro, paire n'uma atmospheria luminosa e immaculada e desça só até onde se alteiam as mais radiosas efflorescencias da vida terrena, corôe-se de myrthos e de rosas da Cyra, melancolise-se como Lamartine, ou relampagueie como Victor Hugo em raptos de lyrismo.

O romance está muito distanciado dos devaneios d'esta poesia. Se alguma vez intimamente se tocaram, hoje a separação é profunda, e essa estreita aproximação volverá de novo, só quando a

transformação litteraria que alcançou o romance, se alargar até abranger a poesia.

Gustave Planche, identificando o romance com a poesia, rechaçando para fóra da arte o que não é poetico, insurge-se contra Claudio Frollo, o padre a quem a continencia enlouqueceu, o desgraçado para quem a castidade é uma embriaguez, e contudo, quando por ventura na paixão do padre allucinado não se imprimisse um cunho de grandeza poetica, ella pertence á ordem de phenomenos psychico-physiologicos que são tributarios do romance moderno.

Mas em tudo o que é grande e verdadeiro reside uma poesia, sem que o character de malefico lhe vede accessó ao campo da arte, e, em vez de uma distincção artificiosa, e acanhada, é mais conforme com a verdade e com a natureza alargar a comprehensão da idéa poetica, comprehendendo-a no grande movimento da moderna evolução artistica.

Assim entendida a obra d'arte sem impertinencias de moral, transforma-se em elemento educador, e, sendo uma leitura popular, vulgarisada, facilmente assimilavel, converte-se n'uma força social, n'um instrumento de civilisação, além de valer muito como poderoso auxiliar da historia.

Em quanto a historia arranca a humanidade á necropole imota dos seculos, e, encarando o passado sob um ponto de vista mais largo, o reconstitue á luz de um criterio puramente scientifico, politico, legislativo e economico, nas relações da communidade para com o estado e de nação para nação; o romance, pelo contrario, nas suas relações de individuo para com a familia, e da familia para com a communidade, profunda o viver intimo das classes, penetra na consciencia, é como que a historia privada da sociedade pela pintura fiel dos costumes, dos sentimentos e das paixões.

O historiador, que quizer retratar a physionomia do seculo XIX, não irá estudar os costumes e a vida das classes nos romances de 1830, mas é em Balzac, Flaubert, Zola e Daudet que ha de ir respirar os materiaes para o seu trabalho.

E é tão poderosa esta qualidade do romance como subsidio historico, que até n'este genero litterario phantasista, através da ficção ou da aventura maravilhosa, póde transparecer um aspecto verdadeiro na vida real.

É assim que nos romances de cavallaria se espelha a physionomia da idade media: os feitos estupendos de Rolando, dos heroes da Tavola-Redonda, não são mais do que uma exaggeração da verdade. Os episodios satyricos de D. Quixote têm o seu equivalente na verdade historica. O ponto de honra cavalheiresco, caricatu-

risado por Cervantes, quando D. Quixote abandona Sancho Pansa, atacado pelos almocreves, para não descer a taes adversarios, corresponde ao morticínio dos brilhantes esquadrões dos cavalleiros do Hainaut, que se deixam esmagar sob o assalto de uma horda de camponezes, armados de paus.

A litteratura romanesca da edade media é a pintura viva da cavallaria, d'esta instituição militar e religiosa que foi o sustentaculo do feudalismo e que fez a sua rotação entre estes dois polos — a ambição e amor. Todo aquelle desfilar de encantamentos, de fadas e de gigantes, de aventuras maravilhosas e façanhas, que eclipsam os feitos homericos, despojado do que tem de ficticio e exagerado, é a expressão da vida e do pensamento das épocas feudaes.

D'este modo o romance critico-social e a historia completam-se.

A esta alteza de intuitos é que não pôde aspirar tão completamente o romance falso e sentimental. Este genero litterario, filiado, segundo Erwin Rhodes, na antiguidade hellenica, e segundo outros afundando raizes no velho Oriente, no paiz das chimeras, das fabulas e das allegorias, conservando por largo tempo esta orignaria feição fantasista, corresponde modernamente pela sua acção influenciadora e popular aos cantos dos bardos que arrebatavam as imaginações e emocionavam energicamente a alma.

Hoje é ainda a fôrma litteraria mais accessivel a todas as classes, e por isso mesmo, como a imprensa, volveu-se n'uma força influenciadora e dirigente. Com a sua feição attrahente, imaginosa, pittoresca, por vezes poetica, insinua-se e captiva; adaptam-se-lhe todos os assumptos e todas as idéas; pintura dos costumes, analyse das paixões, critica, e questões sociaes entram na sua alçada. Sem dogmatismos nem declamações, o romancista eclipsa-se e deixa que a narração logica dos factos, o estudo verdadeiro dos sentimentos e das paixões, a analyse rigorosa dos caracteres, o curso natural da acção dramatica, ponham em evidencia um ensinamento, uma these, uma verdade, uma aspiração para um estado melhor e cada vez mais consciente do destino humano.

O seculo XIX, profundamente transformador no ultimo quartel, não podia deixar inactiva esta força, refundindo-a, renovando-a, revigorando-a em proveito da civilização que ha de sahir do seu potente labor evolucionario, e, para realizar esta aspiração, alliançou a arte com a sciencia, sem que a arte deixasse de ficar independente perante a sciencia.

JULIÃO LOURENÇO PINTO.

## PATHOLOGIA DA VONTADE

---

O estudo das doenças mentaes exige uma reforma radical no methodo até hoje seguido na observação dos factos clinicos, que constituem o vasto arsenal, onde os alienistas pretendem encontrar o segredo d'um dos problemas mais importantes das sciencias medico-psychologicas. Não basta a experimentação physiologica, porque não é dissecando cerebros que poderemos chegar ao conhecimento exacto das alterações morbidas do espirito, nem nos convém o methodo exclusivamente racional da eschola metaphysica porque a tendencia da época não admite devaneios scientificos. A applicação isolada da primeira promove o desenvolvimento de um materialismo pouco sensato, materialismo que deve ser banido da verdadeira sciencia, embora se enfileirem entré os seus defensores, sabios respeitaveis como Luys; o respeito demasiado pelo segundo, se nos não arrasta para um campo exageradamente limitado, cria um espiritualismo nebuloso, verdadeiro romantismo da sciencia. Separados um do outro, estes dois meios de analyse auxiliam-se pouco, quando se não contradizem na explicação de certos phenomenos que, apesar das pretensões pouco justificadas das duas escholas, não estão no dominio de nenhuma d'ellas. Reunidas, a experimentação verifica as hypotheses edificadas pela razão, classifica os factos na ordem da sua natureza, generalisa-os e de generalisação em generalisação chega ás noções as mais abstractas da sciencia.

O antagonismo d'estes dois methodos provém da ignorancia das relações entre o espirito e o corpo. Em um individuo organico existe um sér que se traduz pelas modificações phenomenaes da materia e um outro cuja existencia é attestada pela percepção in-

terna. A observação reconhece a existencia do primeiro como a consciencia nos assegura a existencia do segundo; admittimos o primeiro como certo e julgamos o segundo necessario. As relações entre os dois permanecem desconhecidas porque ignoramos a natureza intima da Materia e crêmos impossivel a comprehensão da natureza da Força. D'ahi a variedade de systemas philosophicos, uns exclusivistas, outros de reconciliação, todos envolvidos por circulos de ferro, obrigados a gravitarem em torno das mesmas difficuldades e sujeitos a desmoronamentos mais ou menos apressados conforme a natureza e energia das tendencias do meio scientifico. A critica moderna, apreciando-os, obrigou-os ás exigencias actuaes, fêl-os passar pelo cadinho da analyse, modificou a velha noção da philosophia, accetando esta ultima não como um agglomerado de sciencias, mas como fusão dos principios os mais abstractos, das generalisações as mais altas, de todas as sciencias.

No quadro systematico das generalisações apparecia como solução de continuidade a deficiencia das leis da physiologia mental. N'esta sciencia, mais que em nenhuma outra predominava o methodo exclusivamente metaphysico, o que se justifica pela falsa comprehensão dos phenomenos mentaes, attribuidos a forças independentes do nosso organismo, alheias ao funcionamento geral do individuo. Espiritos cultos ainda hoje vacillam entre o determinismo e a independencia das funcções mentaes. É assim que Claude Bernard, o physiologista a quem devemos a renovação e o progresso do methodo experimental, admittia que todas as funcções do organismo, com exclusão dos actos psychicos, dependiam das relações entre o meio interno e as condições exteriores, do modo como estas ultimas se combinavam, se juxtapunham. Admittia o livre arbitrio e o determinismo, cahindo na flagrante contradicção de accetiar a influencia dos agentes exteriores sobre a vida organica e rejeitar a mesma influencia sobre os phenomenos mais complexos da vida da relação e em especial da vida mental. A philosophia moderna accusava d'este modo, pela opinião errada de um dos sabios mais illustres, a necessidade de juntar ás sciencias physico-chimicas e naturaes uma outra, de ordem mais elevada, com processos analyticos mais complexos, sciencia que deveria servir de transição natural entre a biologia e a sociologia. Vinha em auxilio d'esta necessidade a transformação soffrida pelas sciencias que constituem a sociologia. A philologia, a ethnologia, a paleontologia, a archeologia, auxiliadas pelas sciencias naturaes, mostraram-nos a marcha e a evolução lenta e gradual das funcções mentaes na escala humana, do selvagem ao homem civilisado, na serie animal, das especies inferiores ao anthropoide e d'este ao homem. Era urgente que uma sciencia nova procurasse a reforma dos systemas de educação, re-

solvesse a sim ou não responsabilidade moral dos criminosos, renovesse a noção da liberdade, do dever, sciencia que auxiliasse a physiologia social na analyse da evolução do espirito, marcando os seus limites, a sua energia, fôrma de desenvolvimento, todas as suas phases de progresso e decadencia. Era conveniente não só estudar o individuo ou a sociedade em plena physiologia como tambem o lado doente d'estes organismos. Mas um obstaculo tenaz se antepunha á creação da psychologia positiva, experimental, obstaculo tanto mais resistente quanto elle partia de alienistas como Morel, Falret e tantos outros, que, cingindo-se a processos de observação muito restrictos, comprehendiam de um modo errado as alterações do espirito, todas as manifestações morbidas da consciencia que constituem o vasto grupo das doenças mentaes.

O antagonismo entre os psychologistas e os alienistas é devido á falta de concordancia dos seus meios d'analyse. Os segundos estudam os doentes nos seus symptomas e, conforme a natureza e a complexidade d'estes, concluem como provavel a existencia de uma determinada fôrma morbida; rejeitando como impossiveis de observação as modificações do espirito que não conservam traços anatómo-pathologicos, não acceitam como auxiliar da pathologia mental a analyse da genese, evolução e transformação dos processos cerebraes, do desenvolvimento progressivo da intelligencia e das diversas modalidades da sensibilidade. D'ahi resulta que certas alterações da intelligencia são confundidas pelos pathologistas com as produções morbidas da sensibilidade, estas com as doenças organicas que se reflectem no sensorio e muitas vezes com os symptomas das lesões da medulla e do systema nervoso peripherico, symptomas que têm echo na vida mental e que se moldam ao temperamento e predisposição morbida do individuo. O equilibrio organico sendo perfeito, de modo que uma alteração em uma certa região arrasta modificações rythmicas das regiões visinhas ou distantes, é claro que só uma analyse muito rigorosa dos factos, separando uns dos outros pela sua causalidade, natureza e grau da complexidade, poderá favorecer o conhecimento nitido e preciso de todas as variantes morbidas como de todas as modalidades normaes. Doenças de ordens diversas manifestam-se pela mesma symptomatologia e, quando esta se traduz por allucinações, depressões ou irregularidades das funcções cerebraes, a confusão e o embaraço do clinico crescem tanto mais quanto mais disfarçadas se apresentarem as modificações dos factores que synthetizam a vida do espirito. De facto, a intelligencia e a sensibilidade traduzem-se por actos de uma variedade consideravel. Da sensibilidade a mais rudimentar, da simples irritação do protoplasma, ás fôrmas mais altas da sensibilidade consciente, que podem traduzir-se por movimentos appa-

rentemente voluntarios ou occultar-se sob o aspecto de energias latentes, impressões que geram a memoria; do acto reflexo o mais curto á suprema expressão da intelligencia, aos graus os mais sublimes do sêr consciente, as soluções de continuidade são nullas, as phases de transição insensíveis e graduas. Os actos inconscientes transformam-se em conscientes como estes se transformam n'aquelles. A intelligencia é impossivel sem a sensibilidade porque a noção da consciencia, do *eu*, comprehende a idéa da relatividade e esta existe no espirito pela diversidade das sensações que o sensorio experimenta, pelos limites dos phenomenos no espaço e no tempo. Conhecer um objecto é saber as differenças que o separam de um outro objecto, é conhecer as relações que elle tem com objectos semelhantes. D'ahi a relatividade dos nossos conhecimentos, relatividade tanto mais verdadeira quanto é certo que do conflicto e do equilibrio das condições externas e do meio interno resulta o conjuncto harmonico de todas as funcções do organismo. Sem a sensibilidade não existem percepções, imagens, nem fórma alguma rudimentar da ideação. A anæsthesia de um órgão produz a falta da existencia consciente d'este órgão, a impossibilidade de accumularmos nos centros psychicos noções representativas da sua vida; a perda da sensibilidade auditiva ou da sensibilidade visual impede que no numero das forças que se agrupam sob a fórma consciente se incluam as percepções e as imagens auditivas e visuaes. Todos os graus da sensibilidade como todos os graus da intelligencia são correlativos uns dos outros, prendem-se entre si, resultando do seu conflicto movimentos de natureza mais ou menos variada ou imagens representativas de nitidez diversa, conforme as condições do individuo forem ou não muito malleaveis. Entre a recepção de certas impressões e a producção de certos movimentos existe uma correspondencia necessaria, um laço intimo indispensavel. «Se a conexão interna é perfectamente organica, a acção é de ordem reflexa, simples ou composta, não se manifestando phenomenos de consciencia; se a conexão interna não é perfectamente organica, as modificações psychicas que ligam as impressões e os movimentos são de ordem consciente<sup>1</sup>». O *eu* não é então senão uma serie de actos de consciencia, que se seguem uns aos outros em series parallelas mais ou menos relacionadas. A inconsciencia ou consciencia resulta do grau da complexidade das impressões actuaes e das que se fixaram no sensorio sob a fórma de *memoria*; produz-se a

---

<sup>1</sup> *Princip. de Psychol.* de H. Spencer, 1.º vol., pag. 538.

primeira quando as modificações psychico-nervosas são coherentes e involuntarias e cria-se a segunda quando estas modificações são incoherentes e voluntarias. D'ahi se vê que a *volição* é um estado de consciencia em um dado momento, é um modo de ser do *eu* em determinadas circumstancias.

A analyse dos phenomenos mentaes arrastou-nos insensivelmente á definição do que seja *vontade*. É claro que se não comprehende o estado pathologico de uma funcção sem estarmos certos da sua existencia normal. Ora é evidente, e este é o ponto capital do assumpto que discutimos, que a vontade não existe como faculdade e que a pathologia da vontade é um dos capitulos da pathologia do espirito que deve ser eliminado, visto a faculdade volitiva existir na psychologia moderna apenas como um producto archeologico.

(Continúa).

SILVA TELLES.

## DUAS PALAVRAS SOBRE A QUESTÃO COLONIAL

---

Verum, verum, verum.

Escreveu-se ha pouco na mais profunda e independente das revistas scientificas, na *Philosophie Positive*, um artigo, sensato, sobre a politica seguida pelos europeus na colonisação africana, sendo, como é costume, nós os portuguezes excluidos não só d'entre os povos colonisadores, como d'entre os europeus.

Se a exclusão não fosse, hoje, em materia de colonias, regra a que estivessemos afeitos, d'estranhar seria que nos não doessemos do menosprezo, e que nos não picassemos do aggravo. Como porém o systema, embora recente, de se não contar comnosco, tem sido executado á risca pelas nações que tem colonias, como a França e a Inglaterra, e pelas que as desejam ter como os Estados-Unidos, a Belgica e a Allemanha; e tem sido executado com certa pertinacia e com um plano d'antemão determinado; bom é que protestemos, e que façamos quanto cabe em a nossa esphera de acção para que termine este vexatorio estado de sitio, e para que por outro lado entremos no estudo positivo da questão colonial, tão empiricamente e tão ingenuamente tratada entre nós, com gaudio dos que nos disfructam, e com prazer dos que olham para as nossas possessões com as vistas ávidas e impacientes d'uma ambição mal reprimida, e até a custo mantida nos limites da moralidade e da decencia.

Provam-no superabundantissimamente as recentes aggressões de que temos sido victimas, recebidas d'uns Cordier, Brazza, Stanley e outros, e de que tambem *temos sido causa*. E causa directa, porque não ha razão nenhuma para que se não saiba em 1880, e para que se não pratique nada do que se sabia já em 1860, cons-

tituindo hoje uma sciencia de character quasi determinado, com limites fixos, e com um alcance e applicação tão segura que já tem regras de arte — a colonisação.

Dizia pois, referindo-se á França, a revista de *Philosophia Positiva* :

« A politica colonial vai certamente preoccupar todos os homens d'estado; já agora deve constituir um elemento do seculo presente, uma consequencia necessaria do excessivo movimento industrial que arrasta a nossa geração. . . A civilisação europeia, proseguindo sob os auspícios da philantropia e do progresso social, impelle adiante de si o seu apparatus de necessidades modernas, tentando os paizes novos pela ideia do bem estar, e tendo riqueza, fonte actual de todo o poder. Começou a sua obra no serviço da desagregação do imperio turco, e procura uma occasião melhor de a continuar lançando a mão a paizes, que pela riqueza do solo e pelo trabalho dos habitantes sejam mais remuneradores que a Turquia e o Egypto <sup>1</sup>. Que um tal agente de civilisação seja o mais nobre, essa não é a questão. O que é preciso vêr n'isto, é o phenomeno pelo qual populações semi-barbaras se vão achar arrastadas na esphera d'actividade do progresso. Cada seculo tem character proprio, e cada transformação suas leis. . . O meio (da evolução da civilisação) importa pouco, porque é variavel; mas o que interessa no mais alto grau a sociologia é o processo da evolução que arrasta os povos prosperos para um desenvolvimento incessante; e este desenvolvimento, com risco de ser esteril, deve absorver fatalmente os povos menos avançados, que por effeito da concorrência vital se acham arrastados e transformados na marcha progressiva da humanidade. *Actualmente toda a nação da Europa, que não estiver gasta* (usée), *tenciona augmentar a todo o transe as suas vantagens*; desde que sente sob o sol o seu logar estreito na terra, procura com avidéz algum paiz novo a explorar. *A ultima a chegar serd a primeira a desaparecer*. A politica moderna seria uma vã palavra se não partisse *dos dados positivos da sciencia* para basear os seus calculos e fixar uma regra de conducta; para que ella seja verdadeiramente uma arte é preciso que assente sobre as leis da sociologia, assim como a medicina foi uma chimera em quanto a biologia não esteve sufficientemente adiantada. Desgraçadamente está longe de succeder isto, e os politicos d'hoje praticam a politica pouco mais ou menos como os medicos de Molière se dedicavam á medicina. »

<sup>1</sup> As nosas colonias, por exemplo.

É exactamente o que temos feito. Ponto de vista elevado, plano, destino, não os temos tido. Projectos e mais projectos, commissões e mais commissões, não nos tem faltado; mas, desgraçadamente sem proveito immediato, porque são todos descosidos, sem ligação, sem relação alguma, até.

O que a sociologia nos ensina, com a observação rigorosa e directa dos factos, ahí fica exposto. O que nós temos feito, todos o sabemos; o que nos resta fazer todos o podemos executar sem sacrificio e sem vergonha, sem trabalho exagerado e sem dispendios enormes.

Apresentarei primeiro os dados scientificos, rapidamente, porque o espaço não é muito e o tempo tão pouco, mas concisamente para não deixar nenhum no escuro.

Colonisar, segundo a moderna sciencia, é implantar a raça n'um sólo estrangeiro, é adoptar por patria um paiz novo, differente do da origem, em via de formação ou de transformação, concorrendo para o seu desenvolvimento e para a sua cultura, prosperidade e fecundidade (Vallin).

Ha, pois, um transporte de raça, uma emigração; a fixação da raça no territorio novo; e o desenvolvimento pelo trabalho d'este territorio e d'aquella raça: tres requisitos para colonisar.

Para os satisfazer ha uma arte, a colonisação, fundada sobre dados positivos, que se podem estudar sob dois pontos de vista — o economico e administrativo, que depende do estado da fazenda e dos recursos do paiz e do tacto dos homens d'estado; e o da conservação do individuo e da raça, que depende da anthropologia, da hygiene e da demographia.

Como porém a administração não póde proceder senão sobre os dados fornecidos por estas tres sciencias, não trataremos por ora senão do segundo ponto de vista.

As emigrações estudadas nas suas causas e nos seus effeitos, entre todos os povos e para todos os logares, desde os indo-europeus e syro-arabes até aos modernos hollandezes, através da Europa, o norte d'Africa, o Mediterraneo e o Atlantico e depois através do Indico e do Pacifico, para a Asia, America e Oceania, tem-nos ensinado que: 1.º «Todo o movimento migratorio de marcha secular, que resulte de preferencia da extensão da população para terrenos proximos, produz com certeza acclimamento<sup>1</sup> por mais longe que se estenda.»

---

<sup>1</sup> Ou indegenisação, ou naturalisação, accomodação ao novo clima, ao novo meio.

Poucos povos, nenhum mesmo, têm estendido os seus estabelecimentos e propagado a sua raça em marcha tão secular, passando successivamente para terrenos proximos, cada vez mais visinhos do equador, como Portugal, desde a conquista de Ceuta onde temos ainda hoje sangue portuguez como no resto de Marrocos, até ás missões da India e Japão onde deixámos a raça e onde ainda hoje temos a lingua <sup>1</sup>. Temos pois, melhor do que ninguem, a naturalisação segura nos territorios tropicaes.

2.º « Uma emigração rapida só póde produzir uma colonia duradoura e prospera, quando se der na mesma banda isothermica do ponto de partida, ou perto d'ella. O successo será tanto mais commettido, quanto mais se desviar para o equador. » Isto explica todos os morticinios feitos nas populações ingenuas e ambiciosas pelos governos ignorantes, que a titulo d'uma posse immediata mandam *colonias* para regiões distantes. Este crime é tanto maior quanto maior fôr o abandono em que partem os emigrados sem hygiene, sem segurança de abrigos, sem meios, etc.

3.º « O cruzamentõ com as raças aborigenes, se ellas são engenésicas, favorecem e aceleram sem duvida o acclimamento, em quanto que o consolida a selecção secular que o segue. » Todos os que têm visitado ou estudado as nossas possessões sabem que nunca houve entre os nossos colonos e as populações indigenas repugnancia para estes cruzamentos e mesmo para casamentos. Isto porém reservaremos para mais tarde quando tratarmos das condições do acclimamento.

4.º « Como corollario a raça indo-europeia não tem nunca podido acclimar-se, nas suas numerosas e perseverantes tentativas, nas vertentes septentrionaes do norte d'África, e mais particularmente no Egypto. » (Bertillon).

Isto quer dizer que temos todas as condições para que sejam proveitosas as nossas emigrações para as regiões equatoriales.

Poderemos estabelecer-nos lá, com fixação de raça, sem degeneração dos caracteres ethnicos, e sem perda de fecundidade? Poderemos, por outras palavras, acclimar-nos? Podemos e somos dos primeiros, senão os primeiros, n'esta vantagem, sem a qual não ha colonias.

Fixemos porém os termos. Diz Bertillon, que só ha acclimamento completo, quando, depois das modificações necessarias para conservar a harmonia entre o individuo e o meio, aquelle conservou o

---

<sup>1</sup> Vejam-se os curiosos boletins da Sociedade de Geographia de Lisboa.

poder de perpetuar a sua raça, raça modificada, aclimada, provendo á propria subsistencia. Fonssagrives porém, é mais exigente, e a nosso vêr, tambem mais claro. Diz elle que só ha acclimamento, ou indigenisação como diz Celle, quando a raça conservou no paiz novo: 1.º a sua força d'expansão ou a sua fecundidade normaes; 2.º a sua longevidade original; 3.º o seu vigor; 4.º a sua aptidão ao trabalho intellectual e ao cultivo da terra. E ajunta, que, sob o ponto de vista da emigração dos paizes temperados para os paizes quentes, é o acclimamento, sem duvida, assegurado pela dupla influencia do cruzamento dos recém-chegados com os aborígenes, e dos progressos da hygiene. N'isto está completamente de accordo com Bertillon, Quatrefages, Planchon, Waitz, Em. Vallin, Bodichon, Ramon de la Sagra, Thevenot, Broca, Maury, Topinard, etc.

Cruzamentos, temol-os, e rapidos e faceis, já o dissemos, e já o diziam os nossos missionarios dos seculos xvi e xvii, muito antes de merecermos censura publica do ingenuo Labat, que achava este acto, a que elle chamava crime, tão ordinario entre nós quanto era raro entre outras raças.

Temos, pois, a indigenisação segura por este lado. E embora assim não fosse, tinhamos no nosso typo ethnico cruzamentos sufficientes para nos facultar a naturalisação nos paizes africanos; porque se é certo que os indo-europeus se não tem podido, em longas e perseverantes tentativas, acclimar no norte d'África, tem-n'ó podido os syro-arabes que formaram em tempo as celebres *colonias* de Carthago, Utica, Hippona, etc., e que ainda hoje ahi dominam em numero e fecundidade, como os judeus e mouros, e as raças que mais ou menos com elles se cruzaram e com os berberes, como os maltezes, hespanhoes e portuguezes.

Foram elles, os syro-arabes que, ao estabelecerem-se nas costas d'Hespanha e mais particularmente em Portugal, ahi encontraram o ibero com o qual se fundiram, formando esta bella raça de colonisadores que descobriu o mundo; raça a que veiu dar energia, mascula e reflectida, menos apaixonada, o visigodo, que por suas leis equalitarias se podia cruzar com o aborigene vencido, produzindo assim os gloriosos refugiados dos Cantabros, que sobre os arabes conquistaram a peninsula, fundindo-se depois com os conquistados, determinando-se assim successivas recorrencias de sangue semita, o mais cosmopolita, no povo. E excluo, muito de proposito, o hespanhol, porque para que estas recorrencias e estes cruzamentos aproveitem em materia de colonisação, é preciso que a emigração caminhe por graus successivos, como nós fizemos, e não de chofre e para isothermicas mui differentes como o fizeram os hespanhoes. É por estas razões que nós somos os primeiros classificados, e elles os segundos entre os povos que mais aptidões tem para se fi-

xarem entre os tropicos, e mesmo n'estes em regiões paludosas, como o confirmam Bertillon, Vallin, Dutroulau e outros, que não viram decerto relatorios dos nossos medicos da marinha e do ultramar no mesmo sentido, porque esses relatorios não se publicam.

Quanto á selecção secular que assegura as vantagens dos cruzamentos, temol-a tido em pequenissima escala é certo, mas ainda assim, produzindo conservação do typo. Se a tivessemos constante, isto é, se em vez de irem os nossos emigrantes á Africa, de passagem, ali ficassem e se estabelecessem, com familia, então telahiamos sem degeneração alguma.

Se assim não fosse, se não tivessemos acclimamento, a nossa raça soffreria as seguintes modificações que Bertillon dividiu em quatro periodos: 1.º as que seguem a chegada; 2.º as modificações lentas, chronicas, produzindo uma ruina lenta na economia; 3.º debilidade e proclividade morbida nos recém-nascidos dos primeiros colonos; 4.º tempo de suspensão ou descanso e de prosperidade aparente, mas occultando os germens d'uma degenerescencia que torna impossivel a colonisação definitiva.

« Este quadro porém, observa Fonsagrives, se é verdadeiro para os paizes quentes, onde á influencia palustre se junta a acção debilitante do clima <sup>1</sup>, não o é para aquelles aonde a raça implantada só tem a luctar contra o calor. Aguerrida pelo habito, preservada por uma boa hygiene, retemperada pela mestiçagem, a raça chegará, sem duvida, mais tarde a realizar este progresso d'uma indigenisação senão completa, ao menos sufficiente. Demais, a industria, que é uma quantidade indefinidamente susceptivel d'acrescimo, porá mais tarde á disposição do homem, recursos que nem sequer suspeitamos, para dominar a inclemencia do clima <sup>2</sup> e as propriedades deleterias do sólo.»

Quando, pois, tivermos a industria introduzida em grande escala em Africa, e quando para os emigrados a hygiene colonial fôr obrigação, o acclimamento da nossa raça será facil, seguro e fatal, como já o é o nosso habito do cruzamento com os aborigenes, que são eugenésicos, e que assim nos asseguram a posse do terreno e a fixação do typo, subtrahindo-o á influencia palustre.

---

<sup>1</sup> Como em Angola e Moçambique, na costa.

<sup>2</sup> Clima no sentido biologico, e não no sentido geographico, isto como sendo o conjuncto das circumstancias meteorologicas que influem sobre as condições da vida; é a resultante, por assim dizer, das condições meteorologicas e biologicas locais. Este é o novo ponto de vista de Fonsagrives, que vai contra a definição hippocratica seguida por Virey, Foissac, Rochard, Humboldt e outros.

Accommodada a raça ao novo clima, poderá conservar o seu vigor e as aptidões para o trabalho, desenvolvendo-se e tornando o sólo mais productivo? Poderemos nós portuguezes cultivar o sólo africano e augmentar-lhe a exuberancia da vida?

A resposta é facil. Sem administração illustrada e segura, sem capital e sem direcção, temos agricultado muitos pontos das nossas possessões, introduzindo novas culturas, e augmentando as antigas. Se o temos feito em pequena escala, não vai a culpa ás aptidões da raça, nem á sua pequena applicação ao trabalho, mas ao abandono em que tem estado tudo, á falta de plano, á precipitação com que fazemos projectos e á facilidade com que os abandonamos.

Quem tiver visto as nossas colonias nos ultimos 30 annos, vê as differenças: o movimento commercial e fabril tem augmentado muito, a troca de generos e a quantidade d'elles tem-se engrandecido, assim como melhorou a qualidade dos productos. Tudo isto, porém, naturalmente, inconscientemente, ao acaso, sem regras, sem calculo, sem estudos prévios e positivos. Venha um plano positivo, venha uma energia qualquer activar o negocio, facilitar o capital e dirigir a emigração e o espirito publico para as nossas colonias, e aquellas riquezas todas, que só podem ser avaliadas por quem as viu desperdiçadas *in loco*, virão para Portugal, e seremos então rivaes das primeiras nações, se soubermos alliar á tenacidade o trabalho, á economia a sisedez, e á confiança o estudo.

Se, pois, cumprimos sob o ponto de vista da conservação e desenvolvimento da raça, tudo quando nos é exigido para sermos bons colonisadores, se entre estes nós somos os primeiros com aptidões excepcionaes, a quem então á culpa dos nossos erros, a quem então a responsabilidade? Aos nossos administradores.

Povos com muito menos aptidões e sem as immunidades de que nós gozamos, tem engrandecido os seus estabelecimentos, tem alargado os mercados e tem creado colonias, porque os resalva a administração recta, honrada e segura dos governantes. Porque o não fazemos nós?

Descobrimos e possuimos? Colonisemos então; ou, a não querremos colonisar, que deixemos colonisar os outros. Doe a perda das riquezas, a vergonha da cessão, e a deshonra da alienação da fazenda tão gloriosamente conquistada pelos nossos antepassados, e tão malbaratada em nossas mãos, sem duvida. Mas é mais doloroso ainda vêr de mãos atadas o roubo, o saque e o incendio assolar, queimar e devastar as colonias, sem punição da affronta, e sem represalias fortes, já que para os Brazza, Stanley, Cordier e outros, o direito publico é palavra inutil e a dignidade tambem.

Para resurgirmos, para que tomemos a serio a colonisação dos nossos feracissimos terrenos africanos, não temos que perder tem-

po, porque *os ultimos a chegar serão os primeiros a desaparecer*. Vai n'isto, como se vê, uma questão de vida ou de morte; porque os povos que estão sempre abandonados a si mesmos, sem commercio com o exterior, estão fatalmente inclinados á inferioridade. A falta de elementos novos de desenvolvimento causa a estagnação e produz a uniformidade de caracteres, nota distinctiva das nações selvagens perante as civilisadas, entre as quaes a individualidade mais se affirma; a ausencia das relações commerciaes póde até, se o sólo é muito pobre, trazer os mais tristes resultados, a falta de recursos, a miseria, e portanto, como para os australianos, o enfraquecimento physico e a depravação dos appetites que podem chegar até ao cannibalismo <sup>1</sup>. »

A continuarmos no deprimente desleixo com que temos cuidadosamente deshonrado a nossa administração, entregando as colonias ao fisco explorador, a individuos idiotas, a negociantes exclusivistas, a missões que nada ensinam e a governadores que só alli vão buscar um posto d'accessão, o nosso futuro é aquelle, o dos australianos.

Muito seria, porém, de vêr, que este nobre povo consentisse que o levassem a elle, pae de Camões e Spinosa, sagrado baluarte da Europa durante dois seculos, e descobridor do mundo, ás espessas trevas do mais desprezível e do mais vil estado do ente humano, um cannibal!...

Setembro de 1883.

CARLOS DE MELLO.

---

<sup>1</sup> *Van-Der-Kindere* — De la race et de sa part d'influence dans les diverses manifestations de l'activité des peuples. 1868 — pag. 37.

# TRADIÇÕES POPULARES E DIALECTO

DO

## BRAZIL

(A proposito dos *Cantos populares do Brazil*, colligidos pelo DR. SYLVIO ROMÉRO, — com introdução e notas por THEOPHILO BRAGA: — Lisboa, Nova Livraria Internacional editora, 1883. 2 vol.)

Para se estudarem as tradições populares portuguezas é necessario não só procurá-las no continente, mas nas colonias antigas e modernas. Pelo que respeita ao Brazil, outr'ora colonia nossa, e hoje nação independente, havia apenas, que eu saiba, collecções mais ou menos fragmentadas, algumas das quaes indiquei no meu *Anuario das tradições populares portuguezas*, 1.º anno, pag. 72; faltava pois uma collecção extensa que fornecesse á sciencia materiaes bem ordenados. O sr. Sylvio Roméro, professor no lyceu Pedro II, no Rio de Janeiro, e cultor intelligente e entusiasta do *Folk-Lore*, começou esse trabalho de collecção dando-nos dois volumes de *Cantos populares do Brazil*. O sr. Theophilo Braga, na introdução á obra, diz: «Os *Cantos populares do Brazil* apresentam um duplo valor, porque trazem os themas tradicionaes sobre que a nova litteratura brasileira tem de assentar as suas bases organicas, e porque são a irradiação remota dos vestigios tradicionaes deixados pelo povo portuguez na época da sua grande actividade e expansão colonisadora» (pág. x). As tradições portuguezas no Brazil soffrêrão em parte uma elaboração em harmonia com o novo meio para que passarão; o mesmo se deu com a lingua. É portanto, sob estes dois aspectos, a *tradição* e a *lingoa*, que vou apresentar aos leitores os *Cantos populares do Brazil*.

## I

## Tradições populares do Brazil

Os *Cantos* estão divididos em várias series: *romances e xacaras*; *reinados e cheganças*; *versos geraes*; *orações e parlendas*. Evidentemente não fica completo o thesouro da poesia popular, porque faltão os *adagios*, as *adivinhas*, etc., e é provavel que a ultima série pudesse ser muito mais desenvolvida; não obstante, alguns vestigios de adagios e adivinhas encontrâmos nas poesias soltas. *Adagios*:

Meu amor, fallai baixinho,  
Que as paredes tem ouvidos (pg. 12, vol. II <sup>1</sup>).

Isso mesmo é que eu queria,  
Cahiu-me a sopa no mel (II, 31).

Quem canta seu mal espanta (II, 53).

Quem espera, desespera,  
Quem espera, sempre alcança (II, 81).

Numa cantiga, a pg. 116, vem o verso *o verde é esperança* que se costuma dizer simples no continente.

*Adivinha* (II, 22):

Quatrocentos guardanapos,  
Seis vintens em cada ponta,  
Você diz que sabe tanto,  
Venha sommar esta conta,

quadra que apresenta mais duas variantes e que se repete quasi egual no continente.

<sup>1</sup> Cfr. as minhas *Trad. pop. de Port.*, §. 220, onde vem uma variante.

O sr. Th. Braga notou muito bem na introdução, pg. XIX, que os *Cantos populares do Brazil* offerecem, em quadrinhas soltas, fragmentos de romances, e indica as pg. 8 e 9, onde vem alguns. A pg. 16-17 ha duas quadras que parecem fragmentos analogos :

— Mancebo, que estás fazendo,  
Em tua espada encostado ?  
Namora-te da mais moça,  
Que a mais velha já é casada.  
— Na minha espada encostado  
Não offendo a ninguém ;  
Como casou a mais velha,  
Case a mais moça tambem.

O mesmo a respeito da canção 5.<sup>a</sup> de pag. 79.  
A ultima canção de pg. 17

Viva o cravo, viva a rosa,  
Viva a flor da maçanilha,  
Viva fulano de tal  
E toda a sua familia

é provavelmente uma das canções que é costume cantar nos *Reis* ou nas *Janeiras*. Cfr. estas do continente :

— Quem diremos mais que viva  
No cópinho d'auga-ardente ?  
— Viva o patrom d'esta casa  
E mais toda a sua gente.

— Quem diremos mais que viva  
Na casquinha da cebola ?  
— Viva o patrom d'esta casa  
E mais a sua senhora.

— Quem diremos mais que viva  
Entre cravos e cravinas ?  
— Viva o sr. fulano  
Que é o rei das caras lindas.

Sobre as *Janeiras* e outros costumes brasileiros, vid. vol. II, pg. 222 sqq. — No continente, principalmente no Porto e Lisboa, fazem-se muitas fogueiras a Santo Antonio no dia 12 de Junho á

noute; tambem se cantão cantigas <sup>2</sup>. É pois egualmente provavel que a quadra que vem nos *Cantos populares do Brazil*, II, 46,

Os foguinhos estão armados lá na praça  
Para moços e moças irem ver ;  
Mas o caso está de chuva,  
Santo Antonio tem que ver

alluda a festas semelhantes.

A 2.<sup>a</sup> canção de pg. 20

Seu Manuel, p'ra ver as môças,  
Fez uma fonte de prata,  
As môças não paixão nella,  
Seu Manuel quasi se mata

é igual a uma que se canta a S. João no continente portuguez

S. João, por ver as moças, etc.  
S. João todo se mata,

e que tem variantes. (O brasileiro *seu* é por *senhor*, como em Portugal).

Por occasião de um casamento é costume, no N. e no S. de Portugal, cantar cantigas em honra dos convidados <sup>3</sup>, como noutros paizes <sup>4</sup>; a ultima quadra de pg. 62 dos *Cantos*

Viva o noivo, viva a noiva,  
Viva o tronco que os gerou,  
Viva o padrinho e a madrinha,  
Viva o padre que os casou

pertence pois mui verosimilmente a essas cantigas.

Teria sido interessante que o sr. Roméro, sem tirar a taes composições o caracter de *quadrinhas* soltas, as agrupasse, classificando-as como fragmentos ou allusivas a costumes. Póde ser que haja mais assim.

<sup>2</sup>. Cfr. um art. de Teixeira Bastos in *Anuario das trad. pop. port.*, pg. 24 sqq.

<sup>3</sup> Cfr. as minhas *Trad. pop. de Port.*, §. 338 e o meu opusculo *Uma excursão ao Soajo*, pg. 10 e 11.

<sup>4</sup> Vid. por ex.: *Mélusine*, col. 34; *Folklore andaluz*, pg. 204; *Biblioteca de las trad. pop. esp.*, I, 81 sqq.

A canção n.º 77, vol. I, *Pastorinhas do Natal*, repete-se em parte em Portugal; começa :

Vinde pastorinhas,  
Vamos a Belem,  
A vér se é nascido  
Jesus nosso bem (pg. 174-175).

Na *Revista de Ethnologia e de Glottologia*, pg. 34, o sr. Adolpho Coelho traz esta quadra:

Vinde, pastorinhas,  
Vinde a Belem,  
Achareis o menino  
Nos braços da mãe,

que é analogia. A pg. 11 dos *Cantos*, vol. II, ha duas canções que apresentam tal ou qual relação com o Natal, e que portanto estão deslocadas :

De Belem vierão flores, etc.  
Os pastores com cordeiros, etc.

O costume de cantar versos no Natal é muito antigo em Portugal, e tem inspirado até varias obras artisticas. No opusculo da sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis *Ein Portugiesisches Weihnachtsauto*, Braunschweig, 1881, citão-se varios *autos* desde o sec. XVI (pg. 7, not.).

É curiosa esta desnaturalisação de sentido dos cantos populares; é um caso de dissolução, analogo ao que o sr. Th. Braga nos *Cantos pop. do Brazil*, vol. II, 146, eu no *Annaario das trad. pop.*, pg. 73, e o sr. Ad. Coelho na *Romania*, III, 263, apontamos tambem.

Como temos visto, os *Cantos pop. do Brazil* indicão muitos costumes populares. O mesmo se dá a respeito de superstições, pois, além dos materiaes accumulados nas notas pelo sr. Th. Braga, as proprias poesias apresentam alguns. Assim, a pg. 13 (vol. II),

Quando eu vim da minha terra,  
Muita menina chorou,  
Só a ladra de uma velha  
Muita praga me rogou

ha umas allusões ao grande medo que os aldeões das nossas provincias tem ás pragas rogadas pelas velhas. Eu, quando era crean-

ça, tinha também muito medo a certas velhas da minha terra; apontavão-se até algumas como feiticeiras. — O Diabo, analogamente ao que acontece em Portugal <sup>5</sup>, chama-se em Sergipe *Moleque do surrão*. Outra designação commum a Portugal, é *Diacho*, fórma que não é uma transformação de *Diabo*, como diz o sr. Roméro a pg. 68, not. 1, mas sim de *Diabolus* (i. é, *Diab'lu-*). No dialecto portuguez de Macau chama-se também ao Diabo o *Malissombrado*, i. é, *mal ensombrado*, que tem *má sombra*, o que está d'accôrdo com as superstições do continente <sup>6</sup>. — O *Lobishomem* apparece a pg. 74 e 258-259 do vol. I. Escreve o sr. Roméro a proposito dos versos de pg. 258-259: «Estes versos são uma copla de um conto popular de que não nos lembramos mais, nem nos foi possível conseguir da tradição oral» (pg. 259, not.). Provavelmente era um conto analogo aos que publiquei nas *Trad. pop. de Port.*, §. 346, e com especialidade ao de pg. 271. Talvez o sr. Sylvio Roméro, lendo estes contos, recomponha o que ouviu. — Um personagem que apparece muito nas canções populares do Brazil é *Cupido*. Vid. pg. 207 e 221, do vol. I; 9, 22, 33, 48, 64, do vol. II. Á primeira vista pôde parecer que as canções onde entra o deus do amor não são populares; mas o que é certo é que *Cupido* não só entra nas poesias populares portuguezas <sup>7</sup>, mas também nas hispanholas <sup>8</sup> e nas italianas <sup>9</sup>. — As duas seguintes canções (vol. II, pg. 90), onde as plantas se personificão,

O cravo tem vinte folhas,  
A rosa tem vinte e uma;  
O cravo anda em demanda  
Por a rosa ter mais uma.

O cravo, como atrevido,  
Mandou-lhe carta de amor:  
A rosa, como senhora,  
Mandou recolher a flor

são analogas ás que publiquei a pg. 116 das *Trad. pop. de Port.*,

<sup>5</sup> Vid. *Trad. pop. de Port.*, §. 381.

<sup>6</sup> *Ib.*, pg. 289 e §§. 99-101.

<sup>7</sup> Th. Braga, *Cancioneiro*, 93. Também tenho recolhido algumas em que entra *Cupido*.

<sup>8</sup> F. R. Marin: *Cantos popul. españoles*, n.ºs 1867, 2189, 2191, 2396, etc.

<sup>9</sup> F. Sabatini, *Saggio di Canti pop. romani*, pg. 27, n.º 39.

onde ha outras personificações de vegetaes. — Na not. 4 (vol. II, pg. 152 sqq.) falla o sr. Th. Braga da crença em arvores que crescem em sepulturas. Vid. a este respeito o meu *Anuario*, pg. 58, e *Trad. pop. de Port.*, pg. 126 e not., onde dou um conto analogo ao que vem na *Mélusine*, col. 423. — Do romance n.º 15 tenho uma versão do Porto, inedita. — Dos n.ºs 19 e 20, *Juliana, D. Jorge*, que o sr. Th. Braga não achou no continente, encontrei ha pouco duas versões no districto de Bragança (Traz-os-Montes), onde os romances populares tem uma vitalidade extraordinaria, e onde ha uma abundancia tal que eu, quando lá estive, não tive mãos a medir, durante o tempo de que pude dispôr para a colheita d'elles. — Da *lenga-lenga* publicada sob o n.º 31 ha muitos paralelos; vid. por ex.: *Trad. pop. de Port.*, pg. 172; *La Enciclopedia*, n.º 20, 4.º anno, pg. 622 sqq. (e cfr. as not.); *El Folklore Andaluz*, pg. 208 sqq.; *El Folklore frexnense*, 55; *Cant. pop. esp.* de F. R. Marin, pg. 148 (vol. I); *Romania*, I, 108 e 218 sqq.; *Mélusine*, 149, 356 e 425. — Da oração *A Nossa Senhora*, pg. 123, vol. II, publiquei uma versão na *Encyclopedia Republicana*, pg. 194, e conservo ainda duas ou mais versões ineditas. — Com o n.º 248 do 1.º vol. cfr. *Trad. pop. de Port.*, pg. 233. — Do romance *Iria a fidalga* tenho recolhido e ouvido várias versões. — Grande numero de cantigas soltas são eguaes ou quasi eguaes a outras que conheço de Portugal; eis a indicação de algumas que me lembrarão a uma rapida leitura: pg. 188 (cant. 2.ª), 190 (1.ª), 191 (1.ª e 3.ª), 238 (2.ª) e 257 (4.ª) no 1.º vol.; pg. 6 (6.ª), 7 (6.ª), 11 (4.ª e 6.ª), 14 (5.ª), 15 (4.ª), 18 (4.ª), 20 (5.ª), 34 (4.ª), 38 (1.ª e 5.ª), 39 (2.ª), 42 (6.ª), 54 (6.ª), 58 (5.ª), 61 (5.ª), 62 (1.ª), 64 (5.ª), 72 (7.ª), 78 (6.ª) e 88 (1.ª) no 2.º vol., etc., etc. — As canções politicas de pg. 129 (2.º vol.) tem paralelos em Portugal. — A pg. 70 do 2.º vol. vem umas canções, que bem se podem chamar *semana amorosa*; uma velha do concelho de Baião disse-me, nas ferias de Setembro passado, as seguintes canções, analogas a estas pelo pensamento:

Deixe-m'ir, qu'eu bou de préssa,  
 Lebo auga de regar;  
 Amanhã é dia-santo,  
 Temos tempo de fallar.

Na 2.ª t'incontrei,  
 Amor do meu coração;  
 Por te não poder fallar,  
 Grande foi minha paixão.

Na terça, ao pé de ti,  
 Muito tinha que contar;

Auzéinte do bem que adoro  
Não faço senão chorar.

Na 4.<sup>a</sup>, por te não ber,  
Dera *sternecidos* ais ;  
Sepultei-os i meu peito, (= *im meu = em meu*)  
D'onde sepultava os mais.

Na 5.<sup>a</sup> me abraçaste  
C'os braços d'ũa algemas ;  
Bem podias intender  
Que nisso me davas penas.

6.<sup>a</sup> feira da paixão,  
Os meus olhos te dão luz,  
Meu coração se *starrece*...  
Santo nome de Jasus !

Falta o *Sabbado*, que a mulher não sabia. Sobre a *semana* pôde vêr-se um art. meu in *Folklore andaluz*, pg. 210; *El Folklore bético-extremeño*, pg. 211, etc. — Sobre a parlenda *Pelo signal*, pg. 127, vid. um art. meu in *Archivio per le tradizioni popolari*, I, pg. 579, etc. — O *jogo da argolinha* tambem o acho mencionado numa obra do sec. XVIII, ou principios d'este, intitulada *Operas portuguezas que se representdrão nos theatros publicos d'esta córte* (Lisboa, t. II, pg. 431). — Com a parlenda do papagaio, pg. 131, cf. *Trad. pop. de Port.*, §. 301. — Com o *jogo dos dedos* (pg. 134, vol. II) comp. *Anuario das trad. pop.*, pg. 63; *Méhusine*, 294; possuo versões ineditas analogas. — Com a parlenda do *Domingo* (pg. 136, vol. II), cf. *Archivio per le trad. pop.*, I, 577.

Fica demonstrado nas páginas precedentes o que eu tinha affirmado no principio, isto é, que as tradições portuguezas se modificarão mudando de clima; outros muitos factos nos apresentam claramente o elemento ethnico brasileiro, como se pôde vêr, por ex., a pg. 50, 51, 72 do 1.<sup>o</sup> vol., etc.; copiarei até o n.<sup>o</sup> 187:

Você gosta de mim,  
Eu gósto de você;  
Si papai consenti,  
Oh! meu bem,  
Eu caso com você...  
*Alê, alê, calunga,*  
*Mussunga, mussunga ê.*

Si me dá de vesti,  
Si me dá de comê,

Si me paga a casa,  
Oh! meu bem,  
Eu caso com você...  
*Alô*, etc.

Na lingua, como veremos, o elemento nacional tambem se manifesta bem. — Pelo lado do sentimento e do bom senso, os *Cantos* não são menos dignos de estudo; cfr. :

As arvores, por serem arvores,  
Sentem golpes que lhe dão;  
Como não queres que eu sinta  
Esta tua ingratidão? (I, 213).

Com o prado, com as flores,  
Comparo minha ventura;  
O prado, porque floresce,  
A flor, porque pouco dura (II, 77).

Quando vires a tarde triste  
E a noite para chover,  
São lagrimas de meu olhos  
Que correm por não te vér (II, 80).

É sempre o sentimento da Natureza, a eterna inspiradora da poesia popular portugueza!

Eu amei uma casada,  
Me puz a considerar:  
Por mim deixa o seu marido,  
Por outro me ha de deixar (II, 92).

— A pg. 31, 58 e 64 ha uns trocadilhos curiosos; eis um ex.:

Não sei se vá ou se fique,  
Não sei se fique ou se vá;  
Indo lá, não flico aqui,  
Ficando aqui, não vou lá.

Ha cousas analogas na poesia portugueza.

Por todas estas razões vê-se o interesse que os *Cantos populares do Brazil* têm, não só para os cultores do *Folklore*, mas ainda para os simples amadores da litteratura. O sr. Sylvio Roméro diz na *Advertencia*, pg. VII, que a sua obra « foi repellida pelos livreiros e editores brazileiros com o mesmo horror com que se foge da peste »; tambem por cá ha muito sabujo d'esta laia, pelo que é para felicitar aquelles que se abalanção a taes empresas.

Antes de terminar este já longo capitulo, permitta-me o sr. Roméro mais umas palavras: o n.º 68 (do 1.º vol.) não é popular,

embora a *semente* o seja, como se diz a pg. 115, vol. II; algumas outras composições ha que me parece não terem o cunho da poesia popular verdadeira. As canções que são variantes de outras devião ficar juntas, como a 1.<sup>a</sup> de pg. 102, a 1.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> de pg. 120, a 2.<sup>a</sup> de pg. 121, etc., vol. II. — Várias canções ha repetidas sem necessidade, o que certamente aconteceu por lapso: a 7.<sup>a</sup> de pg. 49 do vol. II repetida a pg. 213 do vol. I; a ultima de pg. 16 (vol. II) repetida a pg. 121. — A numeração a pg. 176 e 182 está tambem repetida.

(Continúa).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

## A QUESTÃO DA ESPECIE

e o melhoramento das raças domesticas

---

A intelligencia humana tem um desejo insaciavel de saber, não socegando em quanto não rasga o véo, que lhe occulta o desconhecido; mas não podendo, pelo limitado das suas forças, abraçar d'um simples golpe de vista a enorme variedade e complexidade dos phenomenos naturaes, tem que socorrer-se do artificio para que os possa bem comprehender e estudar.

D'aqui a necessidade d'uma classificação.

Mas tal classificação é sempre difficil e imperfeita, e entre os naturalistas se dividem as opiniões com respeito á base mais solida e mais natural sobre que ella deve assentar.

É a estrutura que tem guiado a maior parte dos naturalistas na formação d'este catalogo. O unico guia da classificação tem sido a morphologia: foi ella que determinou essas divisões em classes, ordens, familias, generos, especies, divisões sobre cujo valor pouco estão d'accordo entre si os homens de sciencia, pois que em quanto uns as consideram como extremamente naturaes, outros as têm como puramente artificiaes. Grande desordem tem reinado em tudo isto, agrupando, por exemplo, um naturalista em um só genero, especies, que outro separa em generos diferentes, etc.

Em todos estes systemas ha, porém, um unico ponto d'accordo: a existencia na natureza de certas especies, persistindo, dizem, com todas as suas propriedades. É, pois, sobre esta noção d'especie que repousa toda a classificação.

A definição d'especie pela primeira vez formulada com certa

precisão por Tournefort, tem-se ido successivamente modificando e tornando cada vez mais confusa.

Cuvier define-a: «A reunião de individuos descendentes de paes communs, aos quaes se assemelham tanto, como elles proprios entre si».

Muitas outras definições d'esta noção de especie podia apresentar, pois que cada naturalista, julgando pouco precisas as definições dos que o precederam, se julga obrigado a formular a sua, d'onde resulta que este problema, já de si obscuro, mais obscuro o têm tornado ainda.

A noção d'especie repousa sobre duas idéas fundamentaes: a reunião em grupos dos individuos semelhantes e a reproducção indefinida d'esses individuos. São, pois, dois os criterios da especie, um physiologico, a fecundidade, outro morphologico, a semelhança d'estructura.

Grande differença existe entre estas duas maneiras de vêr, porque a especie physiologica, cujo criterio é a fecundidade illimitada, tem a sua base na natureza, em quanto que a especie morphologica é uma simples criação do espirito humano, encarando a questão sob um unico ponto de vista.

Já Flourens admittia, como caracter verdadeiramente especifico, a fecundidade, e apenas como accessorio, a semelhança de fórmas. Cuvier nos seus primeiros tempos também sustentou estas idéas, que depois foi modificando, concluindo por se tornar seu adversario.

Sanson não admittie senão o criterio da fecundidade, mas as suas idéas sobre especie são um tanto obscuras.

Adiante mostrarei a estreita base em que elle fundamenta a sua maneira de vêr especial.

Estas idéas de Sanson foram por elle desenvolvidas perante a Sociedade d'Anthropologia de Paris, sendo combatidas por Gaussin e Mortillet.

Como quer que seja, o criterio mais seguro para reconhecermos se dois ou mais individuos são ou não da mesma especie, é a fecundidade illimitada. A sua applicação, porém, é difficil e em muitos casos impossivel mesmo, porque se as experiencias são praticaveis entre os animaes domesticos, não o são, comtudo, entre os selvagens, são completamente impossiveis entre as especies extintas, de que hoje só se encontram os restos fossilizados. Além d'isso estas experiencias exigem longos annos e ha apenas um seculo, quando muito, que ellas se emprehendem com fim scientifico, e assim mesmo não poucas interrupções têm tido.

Em vista d'isto, se temos por mais importante e admissivel o criterio physiologico da especie, não devemos, comtudo, pôr de par-

te o criterio morphologico, mesmo porque este muitas vezes nos servirá d'auxilio para a determinação d'aquelle.

Como em virtude da hereditariedade, o filho ou todo e qualquer descendente apresentará mais ou menos analogia com os seus ascendentes, — se nós, entre dois typos, duas fórmãs, uma antiga, já extincta e outra moderna, ou entre duas fórmãs quaesquer coexistentes, podermos intercalar um certo numero de typos intermedios, que formem serie, nada mais fizemos do que encontrar as divergencias que se tinham manifestado em cada geração e assim reconstituimos o laço genealogico por meio da morphologia. Quanto maior fôr o numero de typos intermedios, menores entre elles serão as diferenças e maiores probabilidades apresentarão d'uma origem commum.

Chegamos, porém, a uma questão sobre que se dividem as opiniões dos mais notaveis naturalistas, a da origem e variabilidade da especie.

Agassiz, por exemplo, sustenta que as especies foram creadas separadamente, não por um unico par (macho e fema), mas em grande numero d'individuos, podendo tomar origem em diversos pontos ao mesmo tempo, o que exclue todo o laço genealogico. A especie, segundo este naturalista, é uma entidade ideal, que já existia antes que o primeiro individuo d'ella fosse creado; assim como todas as outras divisões, as especies não são outra cousa mais do que moldes preexistentes em que foram vasados todos os séres, que successivamente appareceram sobre a terra.

Linneu já tinha dito: «Species tot numeramos, quod diversæ formæ in principio sunt creatæ». D'onde se conclue que para Linneu a especie é um grupo d'individuos, fecundos entre si e sempre semelhantes.

De todas estas definições se deduz claramente a idéa da fixidez da especie, entretanto os defensores d'esta opinião começam já a fazer certas concessões, o que mostra que as idéas oppostas vão tomando incremento. Senão veja-se a definição dada por de Quatrefages: «A especie é uma reunião de individuos, *mais ou menos semelhantes* entre si e que *descendem ou se podem considerar como descendentes* d'um par primitivo; unico, por uma successão ininterrompida de familias».

Innumeros são os factos hoje conhecidos, que vêm comprovar a variabilidade das especies, e de todos elles citarei apenas o seguinte que é bastante frisante.

Observando o grande numero de variedades da especie canina, o bull-dog, o perdigueiro, o mastim da serra da Estrella, o cão de fila, o cão d'agua, o Terra-nova, etc., cahimos no seguinte dilemma:

Descendem de diversos typos primitivos, isto é, são de especies differentes? Então como sustentar que o cruzamento fecundo entre especies differentes é impossivel?

Descendem, pelo contrario, d'um unico progenitor commum, isto é, são todos da mesma especie? Então que enormes variações, que profundas variedades de fórma? Como se póde, pois, considerar a especie como fixa?

Sanson admite a variabilidade da especie, mas dentro d'estreitos limites. Segundo elle apenas variam os caracteres secundarios, como a corpulencia, côr da pellagem, direcção dos ossos, volume dos musculos, etc., os caracteres principaes, esses são fixos e imutaveis, e são, o numero de vertebrae, a fórma dos ossos da cabeça, maior ou menor saliencia arbitraria, e as relações craniometricas, entre os diametros transversal e longitudinal do craneo, a brachycephalia e dolichocephalia.

A base, porém, em que Sanson fundamenta estas suas idéas, é, como já disse, muito acanhada, porque apenas se funda nas suas proprias observações sobre algumas das nossas especies domesticas, estendendo as conclusões d'aqui tiradas a todas as especies em geral.

Ora se nas nossas especies domesticas a cabeça varia pouco é porque não terá sido sobre ella que mais incida a attenção dos creadores. E mesmo, que feito é das fórmas invariaveis do craneo, quando nas raças precoces, uma ossificação prematura consolida antes de tempo os ossos do craneo, tão depressa que nem tempo tenham de surgir os cornos de certas raças ovinas e bovinas?

Depois como quererá Sanson applicar a sua theoria — baseada em caracteres tirados dos ossos do craneo e da face — aos animaes inferiores, aos que não tem craneo, aos invertebrados? Como quererá elle applical-a aos vegetaes?

Sobre este ponto, como se vê, ainda se não chegou a um accordo. Como quer que seja, porém, as especies domesticas são bem definidas e ninguem confundiria a especie equina com a especie bovina ou estas duas com a ovina, etc., e em quanto á sua variabilidade como ella se dá por graus insensíveis e n'um espaço de tempo que se conta por milhões de annos, não é para o agronomo, que se occupa apenas da exploração economica dos animaes domesticos, como elles hoje são, o aprofundar muito estas theorias: deixemol-as aos que se occupam da sciencia pura.

As especies domesticas acham-se divididas em numerosas raças.

Raça é uma reunião d'individuos pertencentes á mesma especie e que transmittem pela reproducção os caracteres d'uma varie-

dade primitiva. Os caracteres das raças deduzem-se da fôrma da cabeça, comprimento e volume dos ossos do craneo e da face, presença, ausencia, fôrma ou direcção dos appendices frontaes, da ausencia ou existencia de lâ na cabeça ou nos membros, da côr da pellagem, d'aptidões especiaes, etc.

Dois individuos da mesma especie, reproduzindo-se em condições normaes, transmittem aos seus descendentes os seus caracteres em virtude da força da hereditariedade e sob a influencia das leis que a regem e que Darwin formulou claramente.

A hereditariedade dá-se não só com respeito aos caracteres já herdados, como tambem áquelles que o individuo adquiriu durante a sua existencia.

É n'esta força da hereditariedade que se baseia o aperfeiçoamento progressivo das especies, porque, reproduzindo-se sómente aquelles individuos que na luca para a existencia ficaram victoriosos, em virtude das suas mais vigorosas ou brilhantes qualidades, só elles transmittem essas qualidades aos seus descendentes, e assim operando-se em cada geração uma escolha como esta, a especie vai-se necessariamente aperfeiçoando.

Esta escolha, que naturalmente se realisa em virtude da luca para a existencia, é o que se chama *selecção natural*.

Á imitação d'esta, que a natureza pratica, effectua o homem uma outra selecção, a que se pôz o nome de *selecção artificial*. O que na primeira faz a natureza, servindo-se das leis naturaes, é na segunda feito artificialmente pela mão do homem. Assim este escolhe para reproductores dois individuos que reunam no mais subido ponto a aptidão requerida e dos descendentes só conserva e faz reproduzir aquelles que tenham herdado dos paes essa mesma aptidão, afastando da reproducção todos os outros.

É este um methodo de reproducção muito seguido nas explorações de animaes domesticos, que muitas vezes se emprega exclusivamente, outras vezes simultaneamente com qualquer dos outros methodos, cruzamento e mestiçamento, de que é um complemento indispensavel.

A selecção é de todos os methodos de melhoramento de raças o que com mais segurança de bom exito pôde ser empregado, pois que é o que menos tem que lutar contra a força de reversão atávica, muitas vezes difficil de vencer.

Foi por este meio que os inglezes obtiveram as raças ovinas *dishley* e *southdown*; bovinas *durham*; o cavallo puro-sangue, etc., que, entre outros, são os mais frisantes exemplos do quanto pôde a selecção. O unico inconveniente que lhe notam é a morosidade e lentidão dos seus effeitos, e como nas explorações pecuarias uma das cousas mais importantes é o tempo, por isso os creadores

começaram a empregar os outros methodos, cruzamento e mestiçamento para em mais breve espaço obterem o seu fim.

O cruzamento consiste em fazer copular entre si individuos de especies ou de raças diversas. No primeiro caso produz-se o hybrid, no segundo o mestiço.

O cruzamento pôde ter por fim a simples producção de mestiços para o commercio, a exemplo do que acontece com a producção dos muares, ou pôde ter por fim a implantação n'uma raça dos caracteres d'uma outra e a completa absorpção da primeira pela segunda. O primeiro diz-se *cruzamento industrial*, o segundo *cruzamento continuo*.

Para conseguir este ultimo resultado fazem-se cruzar os machos da raça melhoradora com as femeas da raça que se quer melhorar; as femeas d'aquí provenientes serão cobertas pelos machos de raça pura, e assim por diante: fazendo sempre cobrir as femeas mestiças dos differentes graus com os machos puros da raça melhoradora, chega-se, no fim d'um certo numero de gerações, a obter a fixidez de caracteres desejada. Este prazo é mais ou menos longo podendo, comtudo, fixar-se entre a setima e nona geração.

Fundados na asserção biblica de que todas as raças domesticas nos tinham vindo do Oriente, Buffon, Bourgelat e quasi todos os naturalistas d'este tempo eram de opinião, que ellas apresentavam grande tendencia a degenerar nos nossos climas, pelo que todos elles preconisavam o emprego de reproductores orientaes, a fim de conservar as raças no estado de pureza primitiva.

Estas idéas ainda hoje têm sectarios em França e no nosso paiz, onde, com respeito principalmente a raças cavallares, se segue ainda hoje a doutrina da infusão, em dôse variavel, de sangue nobre, ou puro-sangue, nas veias de todas as outras raças, a fim de lhes restituir a energia, vigor e belleza de fórmias perdidas. Ora na verdade, aproximando-me um pouco da maneira de vêr de Baudement e de J. B. Huzard, parece-me que o cruzamento não serve de modo algum para apurar raças, mas sim para as destruir.

O que nós obtemos por meio do cruzamento é simplesmente a substituição completa d'uma raça por uma outra, como acima indiquei, estando até marcado aproximadamente o numero de gerações necessarias para que a substituição seja completa.

Quanto mais antiga fór a existencia d'uma raça, tanto maior potencia atavica terá, isto é, tanto maior poder exercerá a hereditariedade sobre os descendentes; ora, como as raças, que geralmente se apresentam como melhoradoras, são quasi todas de recente formação, e dotadas por consequencia d'uma força de hereditariedade menor, acontece que o creador, que dirige o cruzamento, se vê muitas vezes a braços com a força atavica da raça inferior,

que existindo de longa data exerce maior influencia sobre os productos.

É para combater estes effeitos que se emprega a selecção e a gymnastica funcional.

No mestiçamento, porém, não são tão efficazes estes meios, como no cruzamento, por ser n'aquelle mais renhida a lucta dos atavismos.

Tem por fim o mestiçamento obter uma raça em que se encontrem fixos n'uma média exacta os caracteres de duas outras raças puras. Para isto praticam o cruzamento d'individuos d'essas raças, obtendo assim mestiços chamados, em virtude de calculos curiosos, de meio-sangue, de que depois se servem como reproductores.

Estes calculos baseiam-se nas seguintes considerações d'Eugenio Gayot:

« Um cavallo puro-sangue = 1, unido a uma egua da raça commum = 0, dará um producto médio = 0,50 ou meio sangue ».

Não é necessario proseguir, desde que se parte d'uma hypothese completamente infundada. Com que direito se suppõe nulla a influencia da mãe?

Quantas vezes, pelo contrario, será ella a predominante? Apenas em theoria se poderá suppôr que este primeiro mestiço reuna os caracteres intermedios aos dos dous reproductores, pois que na realidade tanto se poderá dar este caso, como aquelle do filho sahir exclusivamente a qualquer das duas linhas, paterna ou materna.

Intervem então a selecção, que põe de lado todos estes, para só conservar os que estão no primeiro caso. A mesma, senão maior, variação se dá entre os productos provenientes dos reproductores de meio sangue e assim progressivamente, augmentando com o decorrer das gerações, tornando-se impotente a selecção para conservar a fusão média dos caracteres, que se quer conseguir, sendo que, para se obter um producto em boas condições, é necessario pôr de parte um bom numero d'individuos mal conformados.

Estes resultados são apenas contrabalançados pela potencia hereditaria individual, que excepcionalmente possuem alguns mestiços, mas que a final pouca importancia tem, se considerarmos este facto em relação a uma serie de gerações.

Estes esforços não podem deixar de ser passageiros, sendo sempre vencidos pela força atavica das duas raças reproductoras.

Os factos se encarregam de demonstrar que o mestiçamento, toda a vez que tem sido posto em pratica, nunca produziu outra cousa mais do que a variação desordenada (na phrase de Naudin) dos caracteres, das aptidões e das fórmas.

Foi este o resultado das experiencias de Naudin sobre diferentes especies vegetaes, e é o mesmo que se dá entre os animaes do-

mesticos, em que tem sido empregado este methodo, e de que passo a citar alguns exemplos:

Na população equina da Normandia e em outra, que lhe é identica, a de Cleveland, em Inglaterra, provenientes das antigas raças da Normandia e de Cleveland, ambas do typo germanico e do cavallo inglez de corridas, torna-se bastante frisante esta variação desordenada.

N'este caso teve-se em vista obter uma raça que reunisse á força e á corpulencia do cavallo germanico, a elegancia das fórmas, e a energia do temperamento do cavallo inglez.

Servindo-se do mestiçamento, procuravam obter o seu fim, mas apenas obtiveram uma população mestiça em estado de variação desordenada.

Em 33 cavallos observados por Sanson n'um esquadrão de cavallaria franceza, 17 assemelhavam-se ao cavallo inglez, 7 ao antigo cavallo normando e 8 variavam mais ou menos entre os dois typos.

Na quinta regional de Cintra tive eu occasião de verificar este facto n'um grupo de eguas anglo-normandas em que não havia duas que se assemelhassem entre si; e em muitas parelhas, que em Lisboa puxam trens de luxo, tenho notado inclusivamente um dos cavallos brachycephalo e o outrô dolychocephalo.

Vê-se muitas vezes individuos em que a cabeça apresenta todos os caracteres do puro-sangue inglez, unida por meio d'um pescoço esgalgado, ao corpo pesado e massudo do antigo cavallo normando; outros em que a parte posterior do corpo apresenta os caracteres d'uma das raças, e a parte anterior os caracteres da outra; em muitos o tronco corpulento é sustentado pelos quatro membros delgados e esguios do cavallo inglez, e vice-versa, etc.

O inconveniente d'estes resultados é mais do que uma simples questão d'esthetica: estes individuos assim mal conformados não podem fornecer-nos os serviços, que d'elles pretendemos, em pouco tempo estão deteriorados e incapazes, como faz tambem notar Sanson em observações feitas nos corpos de cavallaria franceza, d'onde se conclue que nos que são montados em cavallos anglo-normandos, a mortalidade d'estes é dupla da dos outros corpos.

A mesma variação desordenada se nota nos mestiços d'outras especies domesticas, como na população bovina do Nivernais, oriunda da raça *charolaïse* e da de Morvan, pertencente ao typo dos Paizes-Baizos, e em muitas outras tanto em França, como na Italia, Austria e Inglaterra.

O mesmo se dá nos mestiços ovinos New-kent-berrichon e Dis-bley-merinos, que no fim de 30 annos ainda se apresentam em estado de completa variação desordenada.

Entre os suínos citaremos, por exemplo, a chamada raça ingleza de Berkshire, em que se vêem individuos, que se aproximam mais do typo asiatico, e outros mais do typo napolitano, raças que entraram na confecção do Berkshire.

Nos mestiços equinos anglo-normandos avalia-se em 25 %, quando muito, o numero d'individuos bem conformados, sendo o resto constituido pelo refugo, que tem de ser posto de parte.

Ora, nota Sanson e com razão, se um inventor qualquer se apresentasse a um industrial para com elle tratar ácerca d'um processo de fabricação, annunciando-lhe que esse processo, em 100 peças fabricadas, não daria mais de 25 em bom estado, e podendo ser vendidas com lucro; pergunto, o industrial acceitaria o negocio? Com certeza não.

É, comtudo, o que se dá com o mestiçamento, o mais incerto e precario de todos os methodos de reproducção, não offerecendo as garantias que as condições economicas de toda e qualquer industria devem offerecer, n'uma palavra, uma operação industrial cujos resultados não podem ser previstos, nem calculados.

Estas idéas erroneas predominam, porém, ainda hoje em alguns paizes, principalmente nas regiões officiaes, e são as seguidas entre nós para o *melhoramento* das nossas raças cavallares...

Qualquer que seja, porém, o methodo de reproducção empregado para o melhoramento d'uma raça, é d'absoluta necessidade, sob pena de pouco ou nada se conseguir, o emprego simultaneo da selecção e da gymnastica funcional.

Por meio d'esta se fazem desenvolver e augmentar certas aptidões, fórmãs e qualidades, provocando o desenvolvimento das funcções physiologicas dos órgãos correspondentes.

Por meio da selecção firmam-se e conservam-se essas qualidades e pôde lutar-se contra o atavismo, que mais ou menos se manifesta em qualquer dos methodos acima enunciadados, fazendo entrar na procreação sómente aquelles individuos, em que as aptidões e qualidades requeridas (obtidas por hereditariedade, ou desenvolvidas pela gymnastica funcional) sejam bem salientes, e afastando d'ella todos os outros individuos, a fim de fixar esses caracteres na sua descendencia.

A gymnastica funcional é, como o seu nome o está dizendo, o exercicio methodico das funcções physiologicas do individuo, em direcção a um certo fim especial.

É por meio d'ella e da selecção que o homem realisa nas diferentes especies domesticas, os mais importantes melhoramentos.

Estes melhoramentos são sempre relativos ao fim economico que o homem se propõe a obter, e tem por ponto de mira tornar os animaes mais aptos a fornecerem-nos os varios serviços que

d'elles exigimos; assim por meio d'ella fazemos desenvolver uma aptidão natural do individuo, ou a força muscular, ou a secreção lactigena, ou a maior e melhor assimilação dos alimentos para os transformar em carne, etc.

O exercicio d'uma funcção physiologica determina sempre o desenvolvimento e aperfeiçoamento do orgão que a executa: os exercicios musculares provocam o desenvolvimento da potencia dos musculos; o exercicio da secreção mamaria, e das funcções digestivas determinam a maior energia e mais consideravel desenvolvimento dos orgãos que produzem leite, gordura ou carne.

Em virtude da lei da *compensação dos orgãos* formulada por Darwin, um orgão, que se desenvolve, faz diminuir em igual proporção a actividade de todos os outros, assim o creador de gados, provocando o exercicio exclusivo d'uma certa e determinada funcção faz occorrer para o apparelho correspondente uma maior quantidade dos principios nutritivos do alimento.

Assim querendo activar n'um animal a funcção economica de producção de trabalho mechanic, deve applicar-se directamente a gymnastica ao apparelho da locomoção e indirectamente aos da circulação e respiração.

A primeira condição a ter em vista para levar a effeito um melhoramento qualquer d'esta ordem, é vêr se elle é compativel com os recursos forraginosos de que se pôde dispôr.

Classificaremos em dois grupos, os meios que se devem pôr em pratica para o melhoramento das especies domesticas:

Meios hygienicos: nutrição e exercicio, que operem sobre o individuo, provocando o desenvolvimento da aptidão e o desenvolvimento do orgão, pela actividade da funcção;

Meios genesicos: herança das aptidões e caracteres transmittidos por meio da geração e selecção dos reproductores.

FILIPPE DE FIGUEIREDO.

## BIBLIOGRAPHIA

---

**Principios de Economia politica**, por J. J. RODRIGUES DE FREITAS. — Porto, 1883. — 1 vol. in-8.<sup>o</sup> grande, 344 pag.

Poucos são os professores que no nosso paiz redigem compendios das doutrinas scientificas que ensinam, não porque estejam possuidos d'aquelle principio pedagogico de Augusto Comte, de que os tratados didacticos devem unicamente dirigir-se aos mestres, cuja exposição oral estimula a elaboração mental do alumno de um modo espontaneo, mas porque tomam o magisterio como um recurso economico na sua existencia, ou porque não acham convidativos os lucros de uma publicidade restricta. O inconveniente apontado tem suas vantagens; porque em geral o professor que faz um compendio tem a superstição da palavra do seu texto e exige sacrificios de memoria esterilizando as intelligencias com um deploravel dogmatismo. Todos nós conhecemos como na Universidade de Coimbra a sciencia se identifica com o Compendio, uma entidade dogmatica que se cita, e para que se apella como taboa de salvação, uma droga repugnante que se toma em parágraphos e se dynamisa na *sebenta*. Tambem são conhecidas as anedotas escolares do rigorismo com que os professores de logica Pinheiro e Alves de Sousa algemam os espiritos dos que cursam essa disciplina á letra dos seus compendios sob a ameaça de uma reprovação final. Outros menos dogmaticos, visam apenas ás vantagens da imposição official de um texto, e fabricam compendios destinados á exploração dos alumnos, sob a chancellada junta consultiva de instrução publica. Uma deploravel calamidade, que converteu a sciencia em um fim unico — a aprovação no exame.

O recente livro do snr. J. J. Rodrigues de Freitas é um compendio,

sem nenhum dos vícios que maculam a maioria das nossas obras didacticas. O illustre professor da Academia polytechnica do Porto só ao fim de longos annos de prelecções oraes é que procurou fixal-as na fórma escripta, para fazer sentir o encadeamento logico da doutrina. O livro vem sem imposições officiaes, é redigido n'uma fórma expositiva da qual os alumnos podem por um trabalho mental propriamente seu condensar as ideias geraes deduzindo-as dos abundantissimos factos especiaes em que se apresentam os problemas economicos. A sciencia da Economia politica foi introduzida em Portugal em consequencia d'essa corrente revolucionaria da França, que pela creação do *Instituto nacional* em 1793, por Dounou, Boissy d'Anglas, Laujainais, Lagrange e Laplace, lançára as bases fundamentaes do ensino polytechnico moderno. Esta corrente revolucionaria entrou inconscientemente no nosso paiz; a Academia real das Sciencias, de Lisboa, organizou-se segundo essa hierarchia pedagogica, nas suas tres classes, Sciencias physicas e Mathematicas, — Sciencias moraes e politicas, — Litteratura e Bellas Lettras, e comtudo ella conserva o velho espirito theologico-metaphysico; as Academias de Bellas Artes, de Lisboa e Porto, nasceram do mesmo impulso; os Lyceus iniciaram a propaganda da Moral, da Historia, da Geographia, e só muito tarde da Economia politica, admittindo estas disciplinas do celebre Instituto creado pela Convenção nacional; as Polytechnicas e Institutos industriaes são as implantações mais directamente copiadas do *Instituto nacional das Sciencias e das Artes* de 1795, sem que os legisladores e organisadores tivessem consciencia da obra que adaptaram á nossa decadente sociedade. A falta de comprehensão d'esse espirito revolucionario fez com que estas reformas ficassem estereis pelo atrazado metaphysicismo e falta de um destino deduzido da continuidade historica e das necessidades do nosso meio social. A Economia politica entrou no ensino portuguez com um deploravel empirismo, sem a minima concepção de uma sciencia geral das sociedades humanas, de que a Economia politica é um capitulo limitado; na Universidade de Coimbra professa-se o velho compendio do dr. Forjaz, um apanhado de definições, de palavras technologicas, especie de glossario da nomenclatura economica, sem a minima vista de conjuncto. Em geral quasi todos os economistas ou são litteratos que divagam sobre os phenomenos sociaes da produção e do consummo, ou especialistas estreitos que se limitam á aproximação e discussão dos factos estatisticos. Em uma das suas cartas a Stuart Mill, dizia-lhe Augusto Comte: « que a analyse economica propriamente dita não deve ser concebida nem cultivada, quer dogmaticamente quer historicamente, fóra do conjuncto da analyse sociologica, quer estatica ou dinamica... » (*Lettres*, p. 231.) O proprio João Baptista Say, um dos que melhor systematisaram os phenomenos economicos em fórma didactica, reconhecia que todos os esforços n'esta ordem de estudos tendiam para a creação da Sciencia social. (*Lettres*, p. 255.) A eschola americana fundada por Carey e continuada por Peshine Smith comprehendeu esta relação organica, e portanto a situação subalterna da Economia poli-



tica. Sem uma clara noção do que seja a Sociologia, é impossível determinar os justos limites da Economia politica, que ora invade a Moral nas leis do trabalho, ora a Legislação civil na propriedade, ora o Governo na acção cooperativa, e até a própria Hygiene nas leis da população e das subsistencias. Stuart Mill não chegou á elevada concepção de Comte, e fundou a sua Economia politica na ideia de ser essa a base da sciencia social; depois d'este mestre não admira que os outros economistas se exercessem na divagação litteraria por falta de um ponto de vista de conjuncto, como nota Schiattarella, na *Philosophia positiva e os ultimos Economistas inglezes*.

Não podemos fazer aqui a historia da constituição scientifica da Sociologia, mas pela indicação dos seus traços essenciaes se verá o logar e o destino da Economia politica. O sér sociavel, quer individualmente, quer na sua collectividade, distingue-se pela *actividade*, manifestação de uma vontade, suscitada pela impressão ou *affectividade*, ou pelas noções especulativas da sua *racionalidade*. Toda a existencia humana, quer na longa evolução historica, ou na vida das sociedades actuaes, funda-se n'estas tres syntheses, a activa, a affectiva e a especulativa; n'uma época atrazada, as sociedades empregam a sua actividade nas luctas guerreiras offensivas ou defensivas, a sua affectividade nas crenças religiosas, e a sua racionalidade nas especulações theologicas. A mudança d'estas tres syntheses constitue a civilização moderna, sobre a qual a Sociologia exerce as suas prescripções; a actividade guerreira está sendo substituida pelo trabalho livre e pela produção industrial; a vida affectiva emancipa-se da subordinação religiosa e busca os elementos da moral universal estabelecidos pelos costumes; a vida especulativa exerce-se pela fórmula experimental na constituição das Sciencias positivas. Comte explicou admiravelmente o grande phenomeno do regimen catholico-feudal como a transição para a nova era da positividade, e já pela historia já pelos progressos das sciencias experimentaes foi levado á concepção da Sociologia. Para elle os economistas coadjuvavam no seu empirismo a constituição da nova sciencia. A Economia politica é portanto no quadro dos phenomenos sociologicos a disciplina da synthese activa da nossa era industrial e pacifica. Em vista de uma noção tão clara, póde-se fazer um rapido esboço da Economia politica expurgada das suas tendencias metaphysicas. Pelo estimulo das necessidades, o homem apropria-se das energias cosmicas para satisfazelas; d'aqui a urgencia de um conhecimento experimental d'essas energias, por isso que nenhuma força se cria e nenhuma força se perde. As necessidades augmentam com a Civilização, mas tambem o conhecimento das energias cosmicas é que constitue o Progresso. Nem sempre as sociedades humanas harmonisaram entre si estes dois termos Civilização e Progresso, e esta antinomia observa-se ainda hoje no problema do luxo e na miseria do operario. Hade portanto dividir-se a Economia politica em uma parte theorica, que trata da apropriação das energias cosmicas ou *Systema de Industria*, e em uma parte pratica, *Organização do Trabalho*, que estabelece a cooperação e solidariedade dos complicados ele-

mentos, capital ou força adquirida, operario, salario e renda. Os economistas ainda não chegaram a uma clara e scientifica classificação das industrias, e o problema do trabalho complicado pelas paixões politicas dos socialistas ou pelo sentimentalismo dos moralistas, está longe de ser disciplinado pela sua intima e consciente solidariedade. A Economia politica, ligase ainda ao Commercio e á Politica, como vimos já que dependia das sciencias objectivas ou experimentaes e da Moral; isto significa simplesmente, que a Economia politica tem, apesar da sua dependencia sociologica, um destino synthetico. Na moderna synthese activa das sociedades humanas, compete-lhe o dirigir a nossa actividade productiva, e eliminar quanto possivel a actividade militar que ainda nos perturba com desastres sangrentos e com um deprimente pé de guerra que envergonha a civilisação da Europa.

Partindo pois da *apropriação* das energias cosmicas, segue-se a sua *re-distribuição*, estabelecendo-se portanto a equação entre as energias dispendidas e as adquiridas; assim como em toda a energia mechanica que se dispende existe um excedente a que se chama o deposito de força viva, assim nos phenomenos economicos, a *Propriedade* e o *Capital* representam este deposito. O *Commercio* é o órgão redistributivo d'essas forças adquiridas, em relação com as necessidades e com as energias apropriadas. Como n'esta actividade os phenomenos são mais intensos quando se passam nos grandes aggregados sociaes, e precisam o accordo de muitos interesses essencialmente egoistas, essa harmonia prévia não pôde ser exigida pela Moral altruista, mas por uma coordenação dos interesses particulares sob o ponto de vista do conjuncto social ou a *Politica*, cuja acção pratica ou intervenção se realisa pelo *Governo* como representante do *Estado*.<sup>1</sup>

O livro dos *Principios de Economia Politica* do snr. Rodrigues de Freitas não parte do ponto de vista synthetico, postoque o seu auctor reconhece as relações dos phenomenos economicos com a organização social, a importancia da concepção do Estado como base da solução de muitos problemas economicos. Este character analytico justifica-se pelo intuito do livro, essencialmente didactico; quando em 1868 o governo portuguez, querendo fazer chegar aos Lyceus a Economia politica, decretada pela Convenção em 1795, abriu um concurso para um Compendio da nova disciplina elementar, Rodrigues de Freitas concorreu a esse certame, como professor substituto de Economia na Polytechnica do Porto; foi preferido o compendio de um influente politico sem a minima cultura scientifica, mas a quem interessava o premio pecuniario. Rodrigues de Freitas continuou elaborando successivamente o livro que dá hoje á publicidade. N'esta obra cita-se por vezes Augusto Comte (p. 33 e 188) não com referencia ás doutrinas philo-

---

<sup>1</sup> Estas ideias acham-se mais largamente desenvolvidas no *Systema de Sociologia*, que temos em curso de publicação.

sophicas reorganisadoras da Economia politica, mas como adopção do criterio experimental.

É n'esta applicação do criterio positivo que achamos o livro esplendido, postoque não concordemos com algumas doutrinas especiaes, como a questão da População. (p. 190.) O criterio positivo é essencialmente historico-dogmatico, e Rodrigues de Freitas aproxima-se d'elle quando analysa os phenomenos economicos no homem pre-historico e nas sociedades selvagens, e quando analysa o trabalho sob o ponto de vista das leis dynamicas. Rodrigues de Freitas fez o seu curso de Mechanica estudando o livro de Freycinet, que segue as doutrinas philosophicas de Comte; tal foi a sua primeira orientação positiva, que teve de desenvolver, e que se sente no espirito encyclopedico do seu recente livro, como se observa nos estudos biologicos a que procedeu para o exame de dadas questões economicas.

Os *Principios de Economia politica* constituem o livro que mais póde fazer progredir o ensino d'esta sciencia em Portugal; a competencia do seu auctor como professor, como politico e jornalista collocou-o em uma situação unica para desempenhar-se da missão de um bom livro didactico, como o conseguiu.

THEOPHILO BRAGA.